



1ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 9ª LEGISLATURA

**ATA CIRCUNSTANCIADA DA 32ª
(TRIGÉSIMA SEGUNDA)
REUNIÃO ORDINÁRIA**

**DA CPI PARA INVESTIGAR OS ATOS OCORRIDOS EM 12 DE DEZEMBRO DE 2022 E 08 DE JANEIRO DE 2023, ESPECIALMENTE CONTRA OS PODERES DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL,
DE 9 DE NOVEMBRO DE 2023.**

INÍCIO ÀS 10H

TÉRMINO ÀS 12H36MIN

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Declaro aberta a 32ª Reunião Ordinária da Comissão Parlamentar de Inquérito dos Atos Antidemocráticos do DF, para investigar os atos ocorridos em 12 de dezembro de 2022 e 08 de janeiro de 2023, especialmente contra os Poderes da República Federativa do Brasil.

Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Esta reunião está sendo transmitida pela TV Câmara Distrital.

Informo a todos que a Coordenadoria de Polícia Legislativa fez o isolamento dos assentos destinados aos deputados, dispostos no plenário desta casa, para uso exclusivo dos parlamentares, dos advogados que estiverem acompanhando o depoente e das autoridades autorizadas por esta presidência. Assessores e demais interessados deverão ocupar as cadeiras dispostas ao fundo ou na galeria.

O deputado Joaquim Roriz Neto nos comunicou que não poderá participar desta reunião de hoje. Sua ausência foi oficialmente comunicada à secretaria da CPI e ao seu suplente, deputado Thiago Manzoni.

Solicito aos deputados que registrem as suas presenças. Encontram-se presentes o deputado Chico Vigilante, o deputado Hermeto, a deputada Jaqueline Silva e o deputado Fábio Félix.

Inicialmente, ressalto para fins regimentais que, em nossa última reunião, foram consideradas como lidas e aprovadas as atas da 29ª e da 30ª Reunião Ordinária. Elas foram aprovadas com 4 votos favoráveis, havendo 3 ausências.

Sobre a mesa, a seguinte ata de reunião anterior:

– Ata da 31ª Reunião Ordinária.

Tendo em vista a divulgação prévia da ata, pergunto aos deputados se podemos considerá-la como lida e aprovada?

DEPUTADO HERMETO – Sim, presidente.

DEPUTADA JAQUELINE SILVA – Sim, presidente. De acordo.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sim, presidente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Esta presidência vota "sim".

A referida ata obteve 4 votos favoráveis. Houve 3 ausências.

Está aprovada.

Pergunto ao relator da CPI se deseja fazer algum comunicado neste momento?

DEPUTADO HERMETO – Não, presidente, só quero dizer que esta é a nossa penúltima reunião. Foram 9 meses. Na quinta-feira da próxima semana, haverá a última oitiva, e o nosso relatório vai estar pronto antes do findar do mês de novembro.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Hoje ouviremos o major Cláudio Mendes dos Santos, da Polícia Militar do Distrito Federal. Na próxima reunião, no dia 16 de novembro, ocorrerá a última oitiva desta CPI, conforme o cronograma divulgado. Ouviremos o coronel Reginaldo Leitão, da Polícia Militar do Distrito Federal.

Oitiva do major Cláudio Mendes dos Santos, da Polícia Militar do Distrito Federal. O requerimento de que trata esta convocação é o Requerimento nº 121/2023, de autoria do deputado Fábio Félix. Já tendo sido devidamente qualificado pela Coordenadoria de Polícia Legislativa desta casa de leis, convido a comparecer a este plenário o major Cláudio Mendes dos Santos.

(Pausa.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está presente também o deputado Pastor Daniel de Castro, que acaba de chegar.

Major Cláudio Mendes dos Santos, esclareço que o senhor está diante de uma comissão parlamentar de inquérito na condição de testemunha e, como tal, tem o dever de dizer a verdade, sob pena de incorrer no crime previsto no art. 4º, inciso II, da Lei nº 1.579/1952, combinado com o art. 342 do Código Penal. Apesar disso, caso o senhor entenda ter envolvimento com os fatos ora investigados, terá o direito de permanecer em silêncio, de não produzir provas contra si mesmo e de ser assistido por um advogado ou por uma advogada.

O senhor está acompanhado por advogados, major Cláudio?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim, estou. Doutora Raquel Costa.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ok.

O senhor deseja fazer algum pronunciamento antes de iniciarmos as perguntas que faremos ao senhor?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Gostaria sim.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor está com a palavra para fazer os esclarecimentos que achar necessários.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Ok. O meu nome é Cláudio Mendes dos Santos, fui policial militar por 30 anos em Brasília, dediquei a minha vida em defesa dessa cidade diuturnamente. Não vi um dos meus filhos nascer. Gastei muitas horas em pé na Esplanada. Muitas vezes, trabalhei... Eu tive uma carreira, graças a Deus, iluminada por Deus, me aposentei e, a partir de então, me tornei pastor evangélico cristão. A minha estada... Vou passar a ler aqui. Sou pai de 6 filhos: 1 de 20 anos, 1 de 14 anos, 1 de 10 anos, 1 de 9 anos, 1 de 8 anos – que não vejo praticamente há 9 meses. Todos dependem de mim financeiramente. Nunca tive outra profissão que não fosse a polícia. Eu nasci para ser policial militar. Eu passei na Católica para o curso de medicina, mas, por questões econômicas, não pude fazer. Eu sou policial por dom – eu fui policial, não sou mais já há algum tempo. Eu fui policial por dom, desde criança eu queria defender pessoas. Os fatos precisamente do jeito que foram apresentados não são verdadeiros. No dia 8, inclusive, eu nem aqui estava. Existia um grupo grande de pessoas no QG que não concordava, de maneira nenhuma, com que as pessoas saíssem dali, e eu fui uma das pessoas que não concordava com isso. Inclusive, o fato de que fui acusado de estar pegando pix foi porque um desses grupos que estava lá, numa

discussão que está até filmada, eu não concordei que as pessoas descessem. Tínhamos muitas senhoras ali, tínhamos crianças ali, e eu não concordava que as pessoas fossem. E eles falaram: "Ah, vocês querem ficar aqui, ganhando pix. Vocês querem é pix". E foi o momento: "Não. Então, vocês me agridam, porque vou me embora daqui. Eu não tenho segurança, eu não estou armado". Nunca comparei armado naquele local e nem se permitia arma ali. Quero deixar bem claro que ali havia 90 policiais do Exército, diariamente, vendo tudo. Tudo era por autorização do Exército. A gente estava na frente, a gente estava bem na frente do QG, onde é mais policiado. Tinha um caminhãozinho lá. Esse caminhãozinho não tinha nem... tinha uma roda quebrada e todo mundo subia ali. Eu não sei de onde saiu a informação que eu era liderança ou tinha qualquer tipo de mando sobre aquele acampamento. Eu não tenho nenhuma ligação mais com a Polícia Militar, apesar de ter sido a minha casa. Desde que eu me aposentei, eu passei a viver mesmo. Tem reportagem minha pregando em metrô, reportagem minha pregando em hospital. Hoje, eu levo a palavra de Cristo. Estive naquele lugar. Tem filmagens de eu pregando ali. Engraçado que aquelas filmagens do QG não aparecem. Elas parece que desapareceram das coisas boas que aconteceram ali. Dessa forma, são verdadeiras acusações em meu desfavor. Quem fez a denúncia num determinado jornal foi a minha ex-esposa, por conta que ela perdeu a guarda dos meus filhos. Ela me acusou de várias situações, mas o jornal deveria ter apurado. É o trabalho da imprensa apurar se aquelas versões eram verdadeiras. Não foi apurado. Do jeito que ela denunciou, saiu na imprensa. Assim... se fosse tão correta, ela não teria perdido a guarda dos filhos nem a pensão. Inclusive, o juiz não quis dar... ela está com essa guarda temporária. Então, eu tinha a guarda dos meus filhos e, por esse motivo, ela fez essa denúncia, dizendo, inclusive, que eu teria ensinado técnicas de guerrilha. Primeiro, nenhum policial militar recebe treinamento de técnica de guerrilha. Primeiro ponto: isso não existe. Nenhum de nós aprendemos isso. A gente aprende a defender pessoas, e, para fazer isso, eu preciso de um treinamento de 3 a 4 meses, porque eu preciso de equipamento, eu preciso de homens em condições físicas, eu preciso de pessoas que... Como é que eu vou fazer aquilo com um bando de pessoas, mulheres, muitas delas idosas? Se vocês pegarem agora a idade dos que foram detidos, vai de 48 a 70 anos. Que capacidade teria de pessoas fazerem qualquer tipo de treinamento militar, gente? Quem foi militar aqui sabe que isso é impossível. Isso é loucura. Na frente do QG. Mas vamos lá. Minha advogada, eu... é que a gente se emociona, às vezes. É importante esclarecer que eu não participei, não incitei, não ajudei em organização de movimento. Teve um senhor chamado Wilson Koressawa, que foi um ex-juiz, que me denunciou na corregedoria, me denunciou no STF, porque eu não concordei com a descida... É o mesmo que mandou prender o ministro. É a mesma pessoa que mandou prender o ministro, mandou prender outros juizes. Ele representou contra mim. E a minha prisão se deu por causa disso. Eu não estava em Brasília. Eu não concordo. Gente, eu defendi aquele Congresso a vida inteira. Eu trabalhei horas e horas ali naquela Esplanada, comandando tropas. As pessoas que hoje estão no Batalhão de Operações foram meus alunos. Eu jamais... Como é que eu ia coordenar alguma coisa para fazer mal a pessoas que eu conheço e são do meu círculo de amizade até hoje? Eu fui instrutor. Sou CAC. Nunca comparei lá armado. E a instrução que eu dou é uma instrução muito importante para todos: segurança de tiro, de arma, para que é e para que serve. E por que eu me especializei nessa matéria de segurança? Para evitar acidente. Eu dava aula para policiais, para os próprios CACs, para bombeiro, porque é um equipamento perigoso. É um equipamento que você tem... E essa instrução em que eu sou especializado visa à defesa para a pessoa que está limpando uma arma, está portando essa arma, não ferir ninguém e não se ferir. Basicamente, é isso. E eu ministrava essa instrução em muitos lugares, assim como viajei muito como pastor de várias igrejas. Conheci muita gente lá. Para quem foi lá... porque lá tinha muita gente da inteligência e... Porque policial você conhece diariamente. Foi de dia, não tinha ninguém de máscara. Tinha um pessoal lá que eu não sei de onde é que era... Tem uma galera que não sabe tirar a camisa preta. É incrível isso, só veste preto. Acha que está colado. E são diferentes, são diferentes. A pessoa, inclusive, que discuti comigo foi essa pessoa que estava com essa camiseta preta. Você vai ver, lá na imagem, ela falando da questão do pix, porque queriam convencer as pessoas a descer. Vocês conheceram, está na imprensa, uma senhora chamada dona Hilda e outras com 80, 70 e tantos anos, que estavam ali. As pessoas que permaneceram até pouco antes da posse

do presidente, naquele local, não eram as pessoas que estavam no 8 de janeiro. Quando eu já deixei o local, quando foi... que a gente sabia que... A gente esperava o quê? O que se esperava ali? Esperando que o STF se posicionasse, esperando que... Não foi ninguém que falou isto, foi a imprensa: que existia um relatório das Forças Armadas... As pessoas estavam ali naquele local, pacificamente. Estavam ali, pacificamente. Pessoas que são assessoras. Não vou citar o nome de ninguém aqui, mas teve assessores de deputados lá. Outras pessoas estiveram por lá. Ali tinha demonstrações culturais de várias tribos indígenas, de vários estados do Brasil. Nós, realmente, como igreja, gente, como igreja... Chegava muito carro lá, encostava, deixava água, deixava comida. Pessoas de Brasília! Muita gente que não tinha o que comer, muitas pessoas pobres iam ali comer – e iam mesmo –, muita gente cortava o cabelo. Tinham voluntários. A palavra “patriota” foi muito batida. O pessoal bateu muito em patriota. O dicionário diz o que é ser patriota, e eu acho que todo mundo aqui é. Eu, numa época da minha vida, participei da UNE. Eu, em uma época da minha vida, me manifestei na Esplanada várias vezes. O Brasil é o que é hoje, o nosso país é o que é hoje, porque nós tínhamos liberdade de estar na Esplanada. Lógico que não é para quebrar. Eu quero uma filmagem minha treinando alguém. A única coisa que aconteceu ali naquele lugar... A única coisa que aconteceu naquele lugar que parecia com algo militar é o pessoal marchando parado, com o Hino Nacional e prestando continência. Só que essas imagens sumiram! Essas imagens não existem. Eu não creio... Eu falo mesmo assim: tem que se dividir, tem que se dividir mesmo. As pessoas que foram para lá, que a gente não sabe... Eu vi pela televisão. Eu não estava em Brasília. Eu toquei a minha vida. Quando acabou o meu trabalho missionário lá, que foi antes da posse, eu fui viver minha vida. Minha esposa tem um problema médico. Eu tive a intenção de ir para Curitiba, porque eu gosto muito da cidade de Curitiba, acho bonita, uma cidade muito organizada, e eu queria sair, porque a minha ex-mulher estava me causando problemas com a minha esposa e os meus filhos. Tanto, que deu no que deu. Só que, quando eu cheguei em Curitiba, o plano de saúde da PM não cobre. Eu nunca tive outra profissão. Sempre fui policial militar do Distrito Federal. Eu gastei noites e noites e noites aqui defendendo esta cidade. Eu não sou criminoso. Eu não cometi crime. Eu fui a uma mani... Quantos aqui já foram a manifestações? Já jogaram gás na minha cara quando eu era mais jovem. Quantos aqui, que hoje são políticos, não foram a manifestações? Inclusive, eu fiquei sabendo que o próprio deputado já foi preso, injustamente, quando era vigilante. Acompanhando aqui a gente teve acesso. O senhor falou isso. Eu não sabia. Mas eu estou há 9 meses no batalhão detido, há 9 meses sem contato com a minha família, porque eu fui à manifestação e orei ali. Eu quero um vídeo meu dizendo, um vídeo meu falando para quebrar, para destruir. Quando nós éramos jovens – todos aqui são da minha geração mais ou menos, acho que poucos são mais jovens –, nós tínhamos uma matéria chamada OSPB e, outra, Educação Moral e Cívica, que foram, infelizmente, tiradas da grade curricular, onde nós aprendíamos esse livro aqui... Esse livro aqui. E esse livro aqui foi escrito no mundo inteiro baseado neste livro aqui. Deste livro, infelizmente, eu não tenho mais conhecimento. Eu não sei mais o que é aqui, ou não entendo mais...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom, major. Vamos entrar agora nas perguntas que desejamos fazer ao senhor.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Já acabou o tempo?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – (Risos.)

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, é porque eu tenho aqui... Sou pastor, tenho diploma disso. Está bom? Eu acho que...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor pode deixar conosco o que o senhor escreveu.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Só um fato importante. Uma pessoa me citou lá, um senhor chamado Rubens Wermem.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem é o Rubens?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Segundo o que me informaram, é uma pessoa que pagou

o trio elétrico, o Coyote, não é? Falou que eu tinha...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Como é o nome dele? Isso é importante. Ele pagou o Coyote?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Ele é o dono do Coyote.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ele é o dono do Coyote?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – É o dono do Coyote.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Rubens de quê?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Rubens Wermem.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Como?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Rubens Wermem. Ele foi ouvido.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Doutor, vamos pegar esse Rubens.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu acho que ele foi ouvido. Eu não...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ele é o dono do Coyote.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Ele é o dono do Coyote. Eu não ouvi o depoimento dele, mas, segundo chegou até a mim, ele teria dito que eu teria pago esse trio elétrico. Eu nunca assinei qualquer documento, paguei... Na verdade, eu subi no trio elétrico 2 vezes e está filmado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Está filmado. E não só eu, centenas, dezenas de pessoas. Eu tenho a minha convicção política – *ok?* –, que era livre para a gente ter algum tempo atrás; hoje, parece que a gente não pode ter mais. Mas eu tinha a minha convicção política. Votei no presidente Luiz Inácio Lula da Silva, fui da UNE, fui de movimento estudantil...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E o senhor, hoje, é de direita?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu não acredito nessa situação direita ou esquerda. Eu acredito que todo mundo tem que lutar junto por um país melhor. Eu não acredito nisso. Infelizmente, eu acho que todo mundo tem que se unir.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom. Nós vamos entrar nas perguntas. O senhor vai ter muita oportunidade de esclarecer os fatos.

Nós queremos que o senhor fale a verdade e esclareça, efetivamente, as perguntas que nós vamos fazer aqui.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – *Ok.*

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Antes de eu entrar no roteiro de perguntas que tenho, o senhor falou uma coisa que me chamou a atenção. O senhor disse que vários deputados compareciam ao acampamento. Quem são esses deputados?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não. Não disse deputado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor falou deputado.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não. Eu falei assessores e, assim, deixa eu... Eu não sei... Eu sou 30 anos de Brasília.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sim.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Trabalhei 30 anos na polícia.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas os deputados compareciam ao acampamento?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. É... Não.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Vamos entrar no roteiro e o senhor vai responder.

Major Cláudio, o senhor foi um dos fundadores do acampamento golpista em frente ao Quartel-General do Exército em Brasília. Major Cláudio, o senhor ficava acampado no local ou somente ia ao acampamento no final de semana discursar, pedir pix e inflamar os ânimos dos manifestantes? O senhor foi preso por ordem judicial expedida pelo ministro Alexandre de Moraes. O senhor saberia nos dizer o motivo da sua prisão?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu acabei de dizer, foi por conta desse senhor Koressawa, porque eu discordei do posicionamento de mandar pessoas para a Esplanada, apesar de que eu creio que a Esplanada sempre foi um lugar livre, mas eu discordei por causa da idade das pessoas. As pessoas não conseguiriam andar. É muito simples, gente, as pessoas não conseguiriam andar lá do QG para cá.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor discordou de quem?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Desse doutor Wilson Koressawa.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem é esse Koressawa?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – É um promotor, aquele cidadão que pediu a prisão...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ele é promotor da ativa?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não, aposentado. Ele pediu...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ele estava no acampamento também?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Ele compareceu lá algumas vezes e...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Qual foi a discordância que o senhor teve com ele?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Porque nós não concordávamos em sair dali.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O Koressawa queria que os senhores saíssem e se deslocassem lá do acampamento?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim. Lá tinha o...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ele é um promotor aposentado?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Aposentado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E o senhor discordou dele e brigou com ele?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não briguei. Eu discordei. Inclusive, foi o que pediu a prisão do ministro Alexandre de Moraes.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E ele está preso também ou não?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Que eu saiba...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O Koressawa não está preso, não?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – A gente não sabe de nada. Eu não sei de nada ali dentro. Estou preso. Não tenho essa informação.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sim, mas, quando estava lá, o senhor...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim, quando eu estava lá, ele estava lá também. Foi lá algumas vezes.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Diga o nome completo dele aqui.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Wilson Koressawa é o que eu tenho. Não sei o restante. Muita gente que compareceu aqui eu nunca vi no acampamento.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor ficava muito tempo lá naquele acampamento?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Nós tínhamos 4 eventos diários de culto: 9 da manhã, meio-dia...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor que ministrava os cultos?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Ministrei muitos.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor é de qual igreja?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu sou de uma convenção cristã.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sim, mas qual é o nome da igreja?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – É uma convenção cristã.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Não tem nome?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, várias igrejas: Crescer...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Porque as igrejas têm nome, não é?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, mas são... Entenda: dentro de uma pregação...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor não é pastor?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sou.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Portanto, o senhor é pastor de uma igreja.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não, não.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Nós temos, por exemplo, aqui o deputado Pastor Daniel de Castro, que é pastor de uma igreja. Ele sabe o nome da igreja dele.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Conheço, sim.

(Intervenção fora do microfone.)

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Já é uma igreja. Eu sou um pastor itinerante.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor é um pastor itinerante.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu viajo o país todo.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ah, eu sabia que havia pregador, mas eu não sabia que havia pastor itinerante.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – É a mesma coisa.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu não quero entrar no funcionamento das igrejas. Esse não é o nosso papel. Eu quero que o senhor esclareça as coisas aqui.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sobre o que o senhor falou...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor foi ou não fundador do acampamento?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – De jeito nenhum, de maneira alguma.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem fundou o acampamento?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – As pessoas foram ali de maneira espontânea.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor foi um dos primeiros que chegou lá?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. O pessoal foi de maneira espontânea ali.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem é que controlava a subida no Coyote?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Subia quem quisesse. Quem ver o caminhão...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O Coyote era livre para quem quisesse subir.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Era livre para quem quisesse falar. Era livre. E ficava bem na frente do QG. Ali, qualquer fala... E outra: o Exército era muito rígido.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor viu algum general da ativa lá dentro do acampamento?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Não me recordo.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Coronel o senhor viu?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Quem falava com a gente...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem falava com os senhores?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Era o pessoal que vinha, os oficiais, que tinha lá os...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Qual era o nome desses oficiais?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não sei. Os soldados vinham e pediam: "Ó, não faça isso. Pode fazer isso. Os carros não podem encostar aqui." E aí o pessoal falava ali. Isso quando eu estava usando o microfone, que não era sempre.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor usava o microfone todo dia?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Nos horários, vamos novamente, de 9 da manhã, meio-dia – 3 horas era a igreja católica – e tinha às 18 horas e 21 horas.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem era o padre que ficava rezando lá?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Apareceram alguns padres lá.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Qual era o nome desses padres? De repente eles têm algo a esclarecer também aqui.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não sei o nome dos padres. Eles iam lá fazer orações. Tinha uma igreja católica lá.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Que pastor, além do senhor, mais ia?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Tinha muito pastor lá.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor sabe o nome de algum?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu ia lá para pregar. Subia no caminhão e pregava.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E pai de santo, apareceu algum pai de santo por lá?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Também, alguns.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Também? Quem são os pais de santo que estiveram lá?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Mas, gente, eu não sei. Eu não conheço pai de santo. (Risos.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas o senhor disse que havia pai de santo lá.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Mas tem, porque, pela roupa, deputado, a gente sabe que é um pai de santo.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Será que não era um pai de santo paraguaio?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não sei de pai de santo. Eu não entendo de pai de santo, gente. Eu entendo de igreja.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom, major.

O senhor participou ativamente dos atos golpistas realizados no dia 8 de janeiro de 2023 e 12 de dezembro de 2022 nesta capital. O senhor participou ou não?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não participei.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor não participou?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Nem em Brasília eu estava no dia 8.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor se apresentava junto aos outros acampados como militar da reserva e que teria experiência em guerrilha. O senhor difundiu técnica de guerrilha entre os acampados em frente ao Quartel-General do Exército com o intuito de fortalecer o grupo em busca da tomada do poder? O senhor difundiu as técnicas de guerrilha lá?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Somos pessoas inteligentes. Eu vou repetir: os que foram militares sabem que isso é impossível, na frente do QG do Exército, com 90 policiais do Exército e oficiais. Eu estava bem na frente. Eu não saí dali. Com exceção das 2 vezes que me convidaram a falar no trio, não saí dali. Ali é o lugar mais vigiado do mundo. Qualquer palavra que fosse dita ali, na frente, o pessoal imediatamente ia lá em cima e falava: “Isso aí não pode”.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem dizia que não podia falar?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – A guarda do Exército, o pessoal que estava bem na minha frente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quer dizer que eles censuravam vocês? Eles diziam o que podia e o que não podia fazer?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eles ouviam, porque o som, apesar de ser um som amador, chegava lá. O que passava... Porque o quê que ocorre?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O Exército controlava o acampamento?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eles davam segurança.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eles davam segurança ao acampamento?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim, é área militar, tem que ter segurança militar.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Em algum momento, eles determinaram que os senhores desocupassem aquela área?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não enquanto eu estava lá. A única coisa que eles pediam: “Mantenham a ordem”. Não podia ter bebida, não podia... Eles interferiam...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Não havia bebida?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não podia.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E drogas, havia?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não podia. Se a pessoa...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E prostituição, havia?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não podia. Se a pessoa...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Não podia, mas eu estou perguntando se havia. Há tanta coisa que não se deve fazer e as pessoas fazem.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Exato, vamos lá. Dentro da área militar, não são permitidos esses tipos de ações e todas as vezes que foram plotadas, as pessoas foram conduzidas para estarem presas.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Na área militar, não era permitido o acampamento, e o acampamento estava lá.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – E não era também proibido. Em momento nenhum, fomos proibidos pelo...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas o senhor viu gente bebendo lá?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Eu sei...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Tomando uma cachacinha daquela branquinha da Paraíba?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Não podia, gente. Não podia. Não era esse o intuito.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor incentivou os acampados a se rebelarem contra as forças de segurança do Distrito Federal e da União com o propósito de aplicar um golpe de Estado no Brasil?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Negativo, até porque...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor não os incentivou?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não e vou dizer porque eu não incentivei. A única coisa que eu falei – isso está gravado – foi que, se a polícia, o Exército fossem agir, que as pessoas se sentassem, não reagissem. Às vezes, eu tenho um jeito de falar, porque sou policial, mas falei que não reagissem. Falei o seguinte: "Ó, gente, se tiver alguma coisa na hora do pau, não chega perto de polícia, não, que eles vão bater em vocês. Senta! Senta, que eles vão saber quem está fazendo bagunça. Não faça nada". Só isso.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Major Cláudio, o senhor participava da máfia do pix?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – De jeito nenhum. Minhas contas foram...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Só um pouquinho. Minhas contas foram travadas – minha e da minha mulher –, meu salário está bloqueado. Eles, tanto na outra casa como a Polícia Federal rastream tudo o que eu tenho. Os meus gastos e ganhos nunca passaram do valor dos meus movimentos normais do meu salário – nunca!

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom.

Segundo consta de matérias jornalísticas, o senhor e alguma liderança solicitavam depósitos via pix diuturnamente para os acampados, dizendo que o dinheiro arrecadado seria para arcar com a estrutura do acampamento, bem como para comprar mantimentos. Na verdade, muito desse dinheiro, segundo consta, foi desviado.

O senhor se apropriou de dinheiro dos acampados? O senhor recebia esses depósitos via pix em sua conta ou em contas de terceiros? O senhor sempre discursava e pedia pix. Indago: o senhor estava lutando pela pátria ou somente queria pix?

Eu vou passar um vídeo, e ficará melhor para o senhor responder.

Por favor, solicito a apresentação do vídeo 1.

(Apresentação de vídeo.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Major Cláudio, esse cidadão é o senhor, não é?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim, sou eu. Eu já expliquei.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor se reconhece ali?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim, totalmente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor estava pedindo pix.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. O senhor não entendeu. Naquele momento, eles me acusaram... Existia, naquele dia, ali...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Acusavam o senhor de estar pegando a bufunfa para o senhor.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Isso, exatamente. Por que eles fizeram isso? Naquela discussão, eles estavam...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem acusou o senhor de pegar o dinheiro?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não conheço aquelas pessoas. O senhor lembra que eu falei que tinha um pessoal que estava ali que a gente não conhecia? Eu estava falando para o pessoal não descer. Eles estavam falando: “Não. O senhor só quer pegar pix. O seu negócio aqui é pegar pix. O senhor veio a esse acampamento para pegar pix.” – está gravado. E outra: não é só esse pedaço. Eu queria que colocasse toda a sequência que aconteceu ali – tanto antes, o que estava sendo falado, porque esse momento foi exatamente...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas vai haver mais vídeos. O senhor fique tranquilo.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Ah, está *ok*. Nesse momento...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Major Cláudio, durante a participação em um programa de rádio, o senhor diz que o presidente – o senhor estava se referindo ao Bolsonaro – foi bem claro ao dizer que as Forças Armadas estavam apoiando vocês, e instiga cada pessoa que votou no Bolsonaro a encher o QG e a Esplanada. Em outra ocasião, o senhor conclama todos os policiais brasileiros a aderirem ao golpe, usando, para isso, o fato de ser um policial da reserva. Agindo dessa maneira, o senhor foi um dos responsáveis pelo fato de os manifestantes pensarem que os policiais brasileiros e as Forças Armadas apoiavam o golpe.

O senhor manipulou aquelas pessoas? O senhor não se envergonha disso? Em algum momento, o senhor acreditou que as forças policiais e as Forças Armadas iriam aderir a um golpe?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Queria eu ter poder de influenciar quem quer que seja. Não são crianças. São homens e mulheres livres. O que acontece é o seguinte: na fala que está gravada aí, eu não incitei policiais a fazer coisíssima...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu vou pedir para passarem 2 vídeos agora. São os vídeos 2 e 3. Veremos que o senhor estava incitando as pessoas.

(Apresentação de vídeo.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Esse cidadão é o senhor, né?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim, sou eu.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Isso não é incitação?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Vou repetir. A Esplanada...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas é o senhor que está falando.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Isso foi o quê?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu posso completar?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor disse aqui no vídeo.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim. Vim para Brasília. Nós fizemos isso no Diretas Já.

Fizemos isso no movimento Cara Pintada. Fizemos isso em todos os lugares.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas no Diretas Já era outro contexto.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim. Não, não, não, não.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Escute só, major.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Uhum. Sim.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Major...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Uhum.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – A luta por salário, a luta pelas Diretas Já não era uma luta pela...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Mas ninguém pediu.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – ... pelo golpe.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – É. Alguém falou...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas você estava conclamando, chamando as pessoas era para não reconhecer o resultado das eleições.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Não, não, não, não. Ninguém chamou em golpe. Não está aí. Nunca vai ter. Eu quero uma filmagem minha, uma palavra minha falando em golpe. Eu não sou violento e nunca fui. Defendi essas casas, inclusive esta aqui, muitas vezes na minha carreira. Em momento nenhum eu apoiaria uma situação dessa.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor se arrepende desse vídeo?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Me arrependo porque...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor se arrepende ou não do vídeo?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não... Me arrependo porque...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Por ter falado isso no vídeo?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim, mas vou dizer...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Depois de 9 meses na prisão, o senhor refletiu e viu que o senhor estava errado?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não é porque, não é questão de eu estar errado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor reconhece que foi um erro que o senhor cometeu?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Vários juristas compareceram, juízes, advogados, naquele lugar e falaram para aquelas pessoas ali...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem foram os juízes que compareceram lá?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu lembro de, de...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Nomes.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Não sei de nomes, mas está gravado. O que aconteceu? As filmagens...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Major, fica difícil. O senhor era um homem de um dos batalhões mais preparados da Polícia Militar, que é o Bope.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Mas eu não sou mais polícia. Não nesse contexto de polícia ali.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu sei, mas o senhor é uma pessoa com uma memória fenomenal.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim, mas...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor sabe que estiveram juízes lá. Quem são os juízes que estiveram no acampamento? Que é para eu mandar para o ministro Alexandre de Moraes e para a Corregedoria de Justiça. Quem são eles?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Pois bem.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor vai ajudar muito a nação neste momento.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Vários advogados estiveram ali.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Não. Advogado tem o direito. Eu quero saber juízes.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. O que eu conheço o Sebastião Coelho esteve lá.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sebastião de quê?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – O Sebastião Coelho esteve lá uma vez.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Só uma?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Uma vez que eu me lembre.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Ah! Uma que o senhor viu, não é?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – É.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Que outros juízes estiveram lá?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Esse juiz aposentado Wilson Koressawa esteve também.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Wilson Koressawa.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas o Koressawa o senhor disse que é procurador. Eu quero saber de juízes.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. É que não entendo muito a estrutura deles. Ele se apresentou como ex-juiz.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Esse Koressawa é ex-juiz e ex-promotor?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – É.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Wilson?

(Intervenção fora do microfone.)

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Koressawa.

(Intervenção fora do microfone.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E que outro juiz o senhor viu lá? Aposentado ou da ativa?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Que eu me lembro de nome somente esses 2, mas inúmeros advogados, e eles falavam a todo tempo. Olha, quando o, o, o...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O que é que esse Sebastião Coelho falava lá?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não... Ele falava... Todos eles falavam sobre os nossos direitos, sobre Constituição, sobre o que podia e o que não podia fazer. E, nesse sentido...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas ele falava que era para não reconhecer o resultado das eleições?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Isso não foi falado lá.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor acredita na urna eletrônica?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Acredito.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor acredita no ministro Alexandre de Moraes?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Acredito. Eu nunca...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor acredita no Supremo Tribunal Federal?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Totalmente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E no Tribunal Superior Eleitoral?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim. O que a gente queria deles eram só... Todo mundo estava esperando ali só respostas.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor estava lá junto com outros que queriam saber do código-fonte? Era isso?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – A imprensa brasileira...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Não, o senhor estava lá porque queria saber do código-fonte?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, nós não queríamos saber do código-fonte, nós estávamos esperando só respostas. Se alguém chegasse, qualquer parlamentar, general ou quem quer que seja, e falasse: "Gente, vai embora", todo mundo teria ido. Naquele pessoal...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Por que o senhor não conclamou o pessoal a ir embora já que o senhor era influente?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Mas eu fiz isso na última semana. Falei: "Gente, vamos embora, isso aqui não tem mais por quê, não tem mais por quê. O pessoal está viajando, não vai dar em nada".

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Major, novamente quero perguntar se é verdade que o senhor teria ensinado tática de guerrilha para os participantes do acampamento. Eu também gostaria de saber se o senhor usava da sua patente de major da Polícia Militar aposentado para endossar discurso a favor de uma intervenção e se o senhor realmente era um dos líderes que mais discursava no palco improvisado montado em um caminhão no QG do Exército.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Repetindo, eu aparecia lá nesses horários para fazer os cultos. Não só eu como outras pessoas de outras igrejas também. Não ensinei técnica de guerrilha a ninguém porque eu não recebi essa instrução na minha formação de policial militar. Nenhum policial militar sabe fazer isso.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Além do senhor, quem mais discursava em cima de um caminhão, insuflando a multidão e pregando golpe de intervenção militar? É verdade que o senhor integrou as fileiras do Batalhão de Operações Especiais – BOPE e, em seu discurso, usava tal fato para persuadir as pessoas a participarem de atos antidemocráticos? O senhor não se envergonha de usar o nome de um dos batalhões mais respeitados da PM para pregar um golpe contra as instituições?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Nunca preguei golpe contra as instituições. Eu quero uma filmagem que diga que mandei alguém invadir alguma coisa ou quebrar alguma coisa. Sou totalmente contrário a isso. Já informei uma vez que muitas das pessoas que hoje são do batalhão foram meus alunos e são amigos. Eu jamais faria isso.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom.

O senhor realmente acreditava que as eleições foram fraudadas? O senhor não confia na justiça eleitoral e no ministro Alexandre de Moraes? O senhor acreditava que o presidente Lula não subiria a rampa? O senhor é mais um daqueles alucinados que queriam o código-fonte sem mesmo saber o que é código-fonte?

Com base no vídeo exposto, indago: quem gastou milhões e levou carros militares para a fronteira? Qual era o plano do Flávio Bolsonaro?

Peço que apresentem o vídeo 4 para o senhor responder.

(Apresentação de vídeo.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Major, é o senhor que está falando que levaram carros para a fronteira, carros militares? Quem levou?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim. Isso foi divulgado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas é o senhor que está falando, eu quero saber como que o senhor descobriu isso aí?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim. Isso saiu na mídia, gente. Eu não estou inventando.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quem mandou os carros?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Como é que eu vou saber?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor diz aí que o Flávio Bolsonaro estava envolvido no transporte desse carro.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Eu não disse isso. Está falando isso aí?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Sim. No vídeo em que o senhor acabou de falar.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Dos milhares de vídeos...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quer dizer que o senhor gravou vídeo e tudo, camuflado, parecendo...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não. Ali são roupas de... Eu dou aula, eu trabalho normalmente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas o senhor está camuflado ali?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Aquilo lá é uma roupa comum, aquilo não é farda.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor está parecendo aquela turma do Hamas.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Meu Deus! Tão diferente o terrorismo para isso aí, gente!

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – A roupa!

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Nós estamos vendo...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quer dizer que não é o senhor que está falando ali?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – O que é terrorismo? Hamas é um pouco pesado.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas quem está falando ali? É o senhor?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu pediria que o senhor não me relacionasse ao Hamas, por gentileza.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas major, quem está falando ali é o senhor?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim, sou eu.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor quer que eu passe o vídeo novamente para ver se é o senhor mesmo?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – O senhor pode passar 10 vezes.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas é o senhor?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sou eu.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E quem levou carros militares para a fronteira?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Isso foi divulgado. Eu não sei. Eu passei o que todo mundo sabia.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas como é que o senhor divulga uma coisa que o senhor não sabe o que é?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Deixa eu falar uma coisa para o senhor. Se o senhor pegar todo mundo que estava ali dentro do QG, vai ter milhares e milhares de vídeos com impressões de cada um, isso é particular.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom.

Major, o senhor manteve contato com os terroristas que colocaram uma bomba no aeroporto de Brasília no dia 24 de dezembro de 2022? O senhor conheceu Alan Diego dos Santos, George Washington e Wellington Macedo? O senhor deu aula de técnica de guerrilha a eles?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – O acampamento era heterogêneo, grande. Tinha gente de todos os estados. Eu não vi esses cidadãos lá. Essa questão de eles terem feito essa bomba no acampamento é um ato muito pouco provável. Porque, quando a gente ouviu aqui o depoimento do pessoal, disseram que essa bomba nem explodia. Então, é o seguinte, eu não creio que eles tenham feito isso.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor os conhece?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Eu acho que são pessoas descompensadas.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O senhor não conversou com eles?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Era muita gente ali. Eu não me recordo.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu vou passar o vídeo 3, que vai ajudar o senhor nas respostas.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu não me recordo deles.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Volta no vídeo 3, por favor.

Esse é o senhor, não é?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim, sou eu.

(Apresentação de vídeo.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Major, o que ia acontecer no dia 31 que o senhor pregou aí?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Nós esperávamos...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O quê?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Verdadeiramente, que o Supremo ou alguém trouxesse para a gente uma única resposta: “Gente, está tudo certo ou está tudo errado”. Ninguém, ninguém ia se antepor. O que a gente queria não era golpe, não era derrubar presidente. Era só que alguém falasse: “Gente, olha, está aqui esse relatório do Exército. Não pode ter fraude. Está tudo certo”. Só isso.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Major, mas a justiça eleitoral – na qual o senhor falou aqui que acredita –, certificou a eleição. O que vocês estavam esperando?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, mas eu estou mentindo quando eu digo que houve um relatório das Forças Armadas brasileiras para ser analisado? Quando eles analisaram e disseram que aquilo não daria em nada, foi quando o acampamento ali morreu. Exatamente no momento em que ele falou...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O acampamento morreu depois da baderna do terrorismo feito no dia 8, quando foi determinada a retirada.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Não. Bem antes...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – A polícia foi lá e retirou.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Antes do dia da... Antes da data da posse, já não tinha. Os ônibus tinham data para sair do acampamento, eles saíram bem antes.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Major, eu acho que o senhor vivia em um mundo paralelo.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, isso está nas filmagens.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Major, o senhor participou dos atos antidemocráticos realizados no dia 12 de dezembro de 2022 e no dia 8 de janeiro de 2023? Por que o senhor fugiu depois do dia 8 de janeiro de 2023? O senhor fugiu porque sabia que havia feito algo errado, sabia que havia insuflado milhares de pessoas a depredarem os prédios dos 3 Poderes da República? Foi por isso que o senhor fugiu?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Um policial militar não pode fugir. O meu salário depende daqui. Uma ordem do comandante-geral traz-me de onde eu estiver ou eu perco o meu salário e sou preso! Eu não posso fugir.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas o senhor fugiu.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não fugi. O tratamento da minha esposa...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Para onde o senhor foi?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Vou repetir o que eu falei no início. Quando terminou o meu trabalho missionário ali, eu tinha a intenção de mudar de cidade. Eu gosto da cidade de Curitiba, acho uma cidade muito bonita, e minha família está tendo problemas com minha ex-esposa. Eu conversei com minha esposa e falei: “Ó, para isso acabar, vamos sair de Brasília, vamos para outra cidade. Lá a gente vai morar, refazer a vida, eu dou aula, a gente trabalha com a igreja.” Esse foi o meu plano. Só que, quando eu cheguei lá, minha esposa até passou mal, está aqui nos autos. Eu descobri que não tinha como fazer o tratamento dela porque não tinha convênio da nossa polícia com Brasília. Eu não tenho outro emprego, eu não tenho outro salário.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – E o senhor voltou para Brasília?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Voltei para Brasília, nunca fugi porque é impossível. Quero citar novamente: um policial militar não pode fugir.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está bom.

Major, o senhor manteve contato com militares do Exército ou da Polícia Militar enquanto

estava comandando os acampamentos em frente ao quartel-general? Os militares do Exército Brasileiro foram coniventes com manifestantes golpistas que estavam acampados naquele local?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu acho que o Exército Brasileiro seguiu exatamente o que está aqui. Era pacífico. Direito de ir e vir.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eles não foram coniventes?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu acho que eles simplesmente cumpriram e, em nenhum momento... Tudo que eles pediam para a gente, a gente obedecia.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O que eles pediam?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não estacionem o carro aqui, não fiquem na beira, não parem comida aqui, não bebam, não pode ter bebida, coisas simples. Se alguém dali tivesse chegado um dia e falado assim: "Saíam daqui, agora!" Todos teriam saído. Prova disso é que, na televisão, a gente, vendo as reportagens, viu que, quando eles foram convidados para sair, eles se retiraram. Ninguém ali, aquele pessoal...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Major, eles não foram convidados, não foram convidados. Eles foram expulsos e presos.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim, só que os chamaram para ir, segundo o que está na televisão, porque a imprensa fez esse trabalho.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Major, eu lhe pergunto: o senhor e outros líderes do acampamento reuniram-se para deliberar sobre ações a serem executadas para a implantação da tão sonhada intervenção militar? Quais pessoas decidiram as ações adotadas? O senhor pode citar nome das pessoas que lideravam junto com o senhor aquele acampamento?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu não estava ali... Ali não havia ninguém... Era heterogêneo. Vocês não vão encontrar ninguém que era líder de nada ali, porque subiam no caminhão, falavam, pregavam. Muitas pessoas foram curadas ali, muitas pessoas receberam oração.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Foram curadas de quê?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Ah, isso é espiritual! De doenças!

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas de que doenças? Quer dizer que o acampamento foi um lugar que virou um santuário?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Para muitas igrejas. Mas é verdade, é só pegar as filmagens que estão lá. O sumiço dessas imagens é um crime! O sumiço das imagens que estavam no QG, o sumiço da imagem... Gente, se tivesse as câmeras, muita coisa seria vista. As pessoas que estavam ali eram senhores, senhoras. Aquele pessoal não tinha a menor condição...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Major, veja bem!

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Para um golpe, tem que ter força militar, tem que ter articulação.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Major, ali de dentro daquele acampamento, saiu uma bomba para ser colocada no aeroporto de Brasília para explodir um caminhão com 46 mil litros de querosene de aviação que poderiam ter mandado o aeroporto de Brasília pelos ares. Milhares de pessoas poderiam ter morrido no dia 24.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Que essas pessoas paguem por isso!

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Espere aí, major! Ali naquele acampamento foi tramado – está nos autos desta CPI – um plano para colocar uma bomba na rodoviária de Brasília e implodir a rodoviária também no dia 24. Dentro daquele acampamento, os terroristas planejaram a implosão das torres de alta tensão de Furnas, em Samambaia e Taguatinga Sul, o que teria desconectado todo o sistema elétrico brasileiro. E tentaram mais: implodir a subestação de Furnas!

Logo, aquilo não era um santuário! Ali era uma área de terroristas que queriam efetivamente cessar o processo democrático neste país. É só para isso ficar claro para população.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Uhum.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu tenho aqui uma pergunta que eu não vou fazer para senhor porque não quero entrar em questões pessoais, como Maria da Penha e outras coisas.

Concedo a palavra ao deputado Hermeto para que faça as suas perguntas.

DEPUTADO HERMETO (MDB. Sem revisão do orador.) – Bom dia, major e doutora Raquel. Major, antes de eu entrar nas minhas perguntas, o senhor nos disse que não é mais policial militar? O senhor foi expulso?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, eu sou da reserva. Não estou mais na ativa da Polícia Militar.

DEPUTADO HERMETO – O senhor é policial militar da reserva.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Da reserva. Isso!

DEPUTADO HERMETO – Sou policial da reserva, e o senhor também é! A não ser que o senhor tenha sido expulso e tenha perdido a patente.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não! Eu quis dizer com relação a nossa influência dentro...

DEPUTADO HERMETO – Nós somos policiais militares. O que nos difere é que estamos na reserva. Cumprimos 30 anos de serviço e fomos para a reserva remunerada. Portanto, se um dia precisarem nos convocar...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim, sim.

DEPUTADO HERMETO – Estaremos aptos a voltar a combater!

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim!

DEPUTADO HERMETO – Tanto é que, quando a pátria nos chamar, teremos de estar...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim!

DEPUTADO HERMETO – Porém, se sairmos da reserva e formos para a inatividade, depois dos 60 anos ou 65 anos, se não me engano, aí não voltaremos mais.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Pode ser convocado, sim.

DEPUTADO HERMETO – Então, o senhor é policial militar, e não ex-policial militar. Eu só queria esclarecer isso, major!

Major, quando o senhor diz no vídeo...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Uhum.

DEPUTADO HERMETO – O senhor nos disse, no vídeo, que o 01, que é o comandante, tem que sempre se blindar.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Uhum.

DEPUTADO HERMETO – Tem que ir para fora do país, como ele foi, porque a guerra... O que o senhor quis dizer com isso?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Isso foi antes. O entendimento, o que aconteceu ali eram coisas que eu, pessoalmente... Não foi... Eu entendia, porque falavam. Infelizmente a gente foi enganado ali por muita gente. Infelizmente todo dia chegava um papagaio de pirata com uma informação nova, com que... E a gente esperando uma ação que pelo menos desse uma luz: "É para a gente ficar aqui, não é para a gente ficar aqui?"

DEPUTADO HERMETO – Uma luz para quê? Para o Bolsonaro continuar?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, para ver se o STF ou alguém falasse assim para a gente: “Olha, gente, está aqui a comprovação, isso aqui é...” E tanto que, quando foi, não sei em que época exatamente... Eu não estava em Brasília no dia 8, que fique bem claro, eu já estava lá, eu saí daqui dia 2, jamais participaria de atos de vandalismo. Tem filmagens. Se tivesse... porque, assim, é muito fácil, eu queria pegar as minhas filmagens, as minhas que eu teria, falando a respeito do que eu pensava dessa situação de descer para a Esplanada ou de qualquer coisa assim. Ninguém foi hostilizado no Exército, ninguém foi. O Exército não tratou a gente mal, não pediu nada para a gente, desde que a gente se comportasse ali. Aquelas pessoas que estavam ali eram para isso. E o que eu pensava, o que todo mundo ali pensava... Inclusive, ninguém queria depor o presidente, daquele pessoal ali. O que a gente queria era só que ele falasse: “Olha, está aqui esse relatório do Exército, a gente analisou, não deu em nada e acabou”.

DEPUTADO HERMETO – Major, o senhor acabou de falar para o deputado Chico Vigilante, o presidente, que acredita nas urnas eletrônicas. Então, no momento em que foi homologado o resultado das eleições, que o presidente Lula foi diplomado, não havia mais nada para fazer.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Exato!

DEPUTADO HERMETO – O que havia era fazer uma oposição, que precisa ser feita em um país democrático, e daqui a 4 anos disputar de novo o governo. Se o Lula não fizer um bom governo, retorna o governo para outro, na alternância do poder.

Então, isso não tem sentido.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Deputado, eu pedi várias vezes para as pessoas saírem dali, no momento em que eles... em que começou, que falou assim: “Acabou, ganhou, não tem mais o que falar”. Eu fui uma das pessoas que foi hostilizada no acampamento. Várias vezes, não foi só uma vez, não. Só que essas filmagens infelizmente não estão aqui, mas fui hostilizado várias vezes porque, gente, eu não concordo, o pessoal não é... isso não é para ser... enquanto estiver aqui, beleza, se for para ir para lá, não.

DEPUTADO HERMETO – O que eu falei agora para o senhor foi a resposta que eu dei uma semana depois de ter sido reeleito. Estavam no auge esses acampamentos. Por eu ser policial militar, eles achavam que eu teria um posicionamento diferente. Mas não, e eu disse exatamente isto em novembro de 2022: “Vá para a oposição, faça oposição e volte daqui a 4 anos”. É assim que nós fazemos, é assim que eu fiz, quando perdi 2 eleições. Chorei no primeiro dia. Fiquei de luto.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Concordo.

DEPUTADO HERMETO – Depois, sacode a poeira, dá a volta por cima e tenta outras eleições. É assim que a gente faz.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Tanto que eu não estava lá no dia.

DEPUTADO HERMETO – Major, eu conheço o senhor, sei que o senhor é um cara operacional, trabalhou muito na rua, em São Sebastião – estou enganado? Foi comandante de São Sebastião.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Fui.

DEPUTADO HERMETO – Os comerciantes e a comunidade gostavam do seu trabalho, porque o senhor combatia muito bem a criminalidade. Sei do trabalho que o senhor fez lá em São Sebastião. Conheço o senhor. E eu acho que houve uma coisa, deputado Chico Vigilante – eu não sei nem explicar –, que colocaram na cabeça das pessoas. Não sei o que aconteceu; um apagão foi o que aconteceu, major.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Nós acreditávamos...

DEPUTADO HERMETO – Como disse o deputado Chico Vigilante, eu não preciso saber vida

peçoal de ninguém, mas o senhor, como policial militar, era querido, o senhor era trabalhador, o senhor prendia bandido lá, eu sei disso. Os bandidos tremiam quando o senhor estava de serviço. E o que aconteceu, major?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Doutor, se o presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, tivesse ido uma vez falar “Gente, vai embora”, todo mundo tinha ido.

DEPUTADO HERMETO – Pois eu vou dizer uma coisa aqui, deputado Pastor Daniel de Castro. O presidente Bolsonaro...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Deputado Hermeto, acho que ele falou uma coisa importante, que eu queria que ele repetisse.

DEPUTADO HERMETO – Deixa eu só... Se o presidente Bolsonaro chegasse à frente e dissesse assim: “Vamos para casa”.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Isso. Isso.

DEPUTADO HERMETO – Só agora eu vou completar o que eu vou falar. O presidente Bolsonaro... Eu votei nele e eu tenho propriedade para falar: ele tinha que ter assumido a derrota. Ele tinha que ter passado a faixa para o presidente Lula. É isso que acontece num país democrático. E ele, indiretamente, influenciou todos eles. Olha o que ele está falando aqui, deputado Pastor Daniel de Castro. Por que ele não fez como todos os presidentes? Ele pega um avião e vai lá para Orlando?

Qualquer um, por mais diferente que seja, em qualquer país democrático, pegaria o telefone: “Ganhou. Parabéns pela vitória”. E recolhe-se. Vá para a oposição e volte nas urnas, na democracia. O senhor falou uma palavra agora certa: “Se o presidente tivesse reconhecido, muita coisa não teria acontecido”. Concorda?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim. A defesa que eu tenho a fazer é a seguinte, por que nós, até aquele momento... Porque ele sempre disse uma frase: “Eu ajo dentro das 4 linhas”. Como a gente acreditava nessa frase, a gente achou que nunca haveria uma ilegalidade, porque toda vez ele falava: “Eu ajo dentro das 4 linhas”. E acho que agiu até dentro das 4 linhas, porque não houve golpe. Então, essa frase “Eu ajo dentro das quatro linhas”, era uma segurança que a gente tinha de que não haveria nada de errado, e eu também não vi ele fazendo. Eu gosto da pessoa dele. Eu acho que não haveria. Mas houve um momento que se perdeu o tempo. Perdeu-se. Era a hora de chegar e falar, alguém que tivesse... Eu não tenho voz. Eu fico tão chateado em falar que eu era liderança, porque, se eu fosse liderança, não haveria mais ninguém ali. Eu não tenho voz. Eu não sou mais, como o senhor falou, da ativa. Eu não tenho influência em coisíssima alguma. Quem estava ali são pessoas... Olha, aquelas pessoas que estavam ali, se elas ficarem presas por 100 anos, ninguém vai nem lembrar. Essas penas são uma pena perpétua para pessoas que têm 50, 60 anos, ao pegar 14 anos. Eu tenho lá, preso comigo, um senhor de 60 anos com o nome de Cláudio Felipe, outro chamado Gama, que tem 60 anos também, e eles estão naquela filmagem falando para o pessoal parar de quebrar. Tem que se fazer essa separação. As pessoas que foram... Quantas vezes nós fomos para a Esplanada, e eu não vou falar de polícia agora, não, porque polícia... Deus me livre! Eu tenho um problema no pé do tanto que eu fiquei em pé naquela Esplanada. Quantas vezes...

DEPUTADO HERMETO – Eu também. Eu tive fascite plantar.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – É. Eu sei disso. Quantas vezes teve, infelizmente, invasões ali do Buriti, invasões do próprio Congresso. Só que eu queria fazer uma defesa, também, à instituição que eu amo que se chama Polícia Militar, que sempre foi um grupo. Sempre foi exército, polícia, GSI. Sempre foi um grupo. Dessa vez, esse grupo não estava lá. Os que apoiavam a PM também. Somos homens dignos. Eu paguei imposto a vida inteira. Eu nunca me envolvi em crime. Eu sou primário. Eu tenho... Eu estou preso há 9 meses sem ver os meus filhos.

DEPUTADO HERMETO – Deixe-me fazer uma pergunta para o senhor.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim.

DEPUTADO HERMETO – Dizem que a cadeia muda a gente, não é? Não sei. Eu nunca puxei cadeia. O deputado Chico Vigilante puxou na época da CUT por 2 dias, não é, deputado? Dois dias deram para mudar o senhor?

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu ia ficar louco.

DEPUTADO HERMETO – Ia ficar louco. Graças a Deus, eu nunca. Nem militarmente, eu nunca peguei punição dessa forma. Eu queria perguntar para o senhor: nesses 9 meses em que o senhor está preso, o senhor se arrepende disso tudo que aconteceu? O senhor se arrepende de fazer esses vídeos? O senhor se arrepende de ter pego a sua trajetória na polícia como oficial, como comandante que era querido pela tropa, querido pela comunidade – eu sei que era, tenho que fazer justiça ao senhor nisso aí. O senhor se arrepende disso?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu me arrependo pelo que eu... O senhor falou... Eu preciso falar. Ficar preso é uma execução. Vocês não têm ideia do que é uma cadeia. Chegar e ficar preso dentro de um lugar onde você não tem mais contato com ninguém, com nada. É como ser arrancado e ser jogado ali dentro num país onde um Brennan da vida pega 1 ano e 8 meses por questões de estupro e tanta coisa, onde você vê traficantes que... Eu nunca cometi crime, pelo amor de Deus. Tem gente ali que pagou imposto a vida inteira, trabalhou a vida inteira, foi a uma manifestação e está presa há 8 meses porque acreditava numa... Antigamente a gente podia acreditar em ideologias, não havia crime nisso. Se houve... Vou fazer a defesa de novo dessa questão, essa frase "Agir dentro das 4 linhas" levou muita gente a ficar ali, porque a gente acreditava que ele não fazia nada ilegal. Aqueles... Olha, a culpa é daqueles advogados que subiram naquele caminhão... Eu não sou jurista, não tenho curso de direito. Mas eles subiram ali e falaram que estava tudo certo, que estava tudo... Essa fala que eu falei aí está baseada em juízes e advogados que subiram ali para enganar aquelas pessoas. Ou então eu não sei o que aconteceu com esse livro. Porque eles subiam todo dia para orientar. A gente perguntava: "Tem algum problema?". "Não. Aqui vocês podem ficar tranquilos. Aqui vocês não estão fazendo nada". Quanto à pessoa da bomba, é muito importante falar, era um local muito grande, está bom? Um local muito grande, que podia ter expediente até às 10 horas da noite. Gente, ali realmente podia ter gente de várias... Tinha gente de tudo que é lugar desse país, de todos os estados do país. Como é que a gente ia saber que esse... Meu Deus, como é que eu ia saber que alguém ia ter coragem de fazer uma situação dessa? Eu fico muito chateado quando o pessoal fala... Eu vi aquele cara aqui do trio elétrico falando: "Ah, porque..." Quantas vezes se pagou trio elétrico para fazer manifestações? Quantas vezes? Não é crime. O que é crime é, aí sim, o pessoal que foi lá para quebrar, que, inclusive, deixou bem claro na presença de todos, que o pessoal que ficou com a gente lá no período até o dia 29, que foi o dia que eu saí de lá, eu não vi... Olhando pela televisão, você olha e não conhece, essas pessoas que estavam ali foram de algum lugar, porque, se eu coloco uma pessoa saudável para caminhar do QG para cá no sol daquele a pino, é difícil.

DEPUTADO HERMETO – Major, eu sei que o senhor não tem esse nome. Eu sei que o senhor não tem este nome. Por que o senhor se autointitulava Major Santa Cruz?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Aí é da igreja. Deixe-me explicar para os senhores. Eu escrevi algumas... Porque isso é de igreja. O meu nome de nascença é Cláudio Pereira dos Santos; eu me casei, e virou Cláudio Mendes dos Santos.

DEPUTADO HERMETO – Certo.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Por uma Marcha para Jesus, algumas coisas assim, houve uma situação em que muita gente me conhecia como Santa Cruz, mas por conta de ser pastor, da igreja.

DEPUTADO HERMETO – É da igreja. Está bom.

Major, o senhor Rubens, proprietário da empresa Trios Coyote e Aquarelas Produções explicou que alugou o seu trio elétrico por algumas vezes para o pessoal do acampamento, e que, numa dessas ocasiões, as tratativas para contratação do trio elétrico se deram pessoalmente com o

senhor e com as pessoas de Linaldo, Priscila e Daniel. Ele também disse que o senhor, a Priscila e o Daniel eram os oradores do acampamento, mas que o senhor era o locutor oficial. Falou ainda que o senhor, nessas oportunidades, pedia dinheiro para as pessoas. Dito isso, o senhor poderia nos explicar quais eram as pautas dos seus discursos ou, outra coisa, para o que era usado o dinheiro solicitado pelo senhor no acampamento?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – O que eu vi, *ok*? Eu não tinha...

DEPUTADO HERMETO – Mas isso é verdade?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu tinha... Não, não dessa forma.

DEPUTADO HERMETO – Então ele mentiu aqui, o senhor Linaldo.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu não creio que... Eu acho que ele não conhecia, porque ninguém conhecia aquela estrutura. Pegaram um caminhão sem roda, botaram na frente do QG. Lá tinha um som. Nesse som... Inclusive essa questão do Coyote não foi para a gente. Quem estava no caminhãozinho, inclusive, quando o Coyote foi para lá... Duas vezes, me convidaram para falar no Coyote, e eu preguei lá – duas vezes, e isso está filmado. Agora, uma pessoa que chega... E foi o que as tratativas... Que eu era o orador oficial? Se ele chegou lá, realmente, às 9 horas, às 3 horas e às 18 horas, ele me viu lá, porque todos os dias – isso está filmado – havia culto diário nesses horários, e, às 3 horas, era da Igreja Católica. Se, em algum momento, esse homem chegou ali e tratou com a questão do Coyote, e a gente estava ali, ele pode ter entendido assim, porque eu era conhecido. Deputado, eu sou muito conhecido em Brasília, muito, muito, muito, muito, muito. Eu sou muito conhecido em Brasília. Todo mundo...

DEPUTADO HERMETO – Pode falar, pode continuar.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Todo mundo me conhece. (Pausa.)

DEPUTADO HERMETO – Pode continuar.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Todo mundo me conhece. Eu tive a infelicidade de o pessoal do Exército querer, no momento que eu estava lá, que eu desse recado no momento dos cultos. E isso foi o meu grande problema, porque as pessoas entendiam... Agora, é lógico, o que a gente... Vou falar novamente: nós acreditávamos, diga-se de passagem, que o que estava sendo feito... que o Exército estava autorizando a gente a ficar ali de maneira pacífica. E essa questão desse senhor... Ele mentiu, porque eu não tenho documento, dinheiro para pagar um... Aquele trio é caríssimo. A gente nem podia subir nele, para dizer a verdade. Tinha um rapaz que controlava aquele trio, que eu não sei quem é que está... os empresários... Ele não deixava a gente subir naquele trio. Duas vezes, eu fui convidado para subir ali. Deputado, o lugar que eu fiquei era na frente do comando ali. Eu fiquei exatamente ali, porque ali não teria briga, ali não teria confusão, ali não teria... era o lugar mais tranquilo para ficar, porque era bem na cara, onde estava todo o comando. Então, não teria como. Eu fui preso pela denúncia da minha ex-esposa e por esse juiz que foi à corregedoria falar, porque eu não concordei com a situação. Eu estou aqui por causa disso. Eu não estava no dia 8, eu não incitei nada, eu nunca tive... Novamente, o senhor é militar. O senhor acredita na possibilidade de alguém treinar alguém militarmente na frente do Exército, com 90 policiais na frente do QG? E o senhor acredita que aquelas pessoas teriam qualquer condição física de fazer isso?

DEPUTADO HERMETO – Não, a Polícia Militar não ensina técnica de guerrilha a ninguém.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Isso não existe.

DEPUTADO HERMETO – Isso é verdade. Agora, se o policial faz... É porque dizem que, por ser policial militar, o cara tem conhecimento de técnica de guerrilha. Eu desconheço isso.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – E, só para completar o que o senhor está falando, precisamos – o senhor sabe, o senhor é militar – defender.

DEPUTADO HERMETO – O que nós aprendemos no curso de formação é turba, é a abordar,

direitos humanos, técnicas de contenção de multidão, de invasão, essas coisas. Isso tudo aprendemos lá.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Tecnicamente, vou usar o que o senhor está falando. A Polícia Militar ensina a defender, ela não é uma tropa de ataque.

DEPUTADO HERMETO – Não.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Nunca foi.

DEPUTADO HERMETO – Se fosse de ataque, teria havido morte no dia 8.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Inclusive, eu quero parabenizar a Polícia Militar do Distrito Federal pelo trabalho que foi feito naquele dia. Mais uma vez, foi a Polícia Militar do Distrito Federal que resolveu. O policial não pode errar uma vez. É a única profissão do mundo que não permite um erro. No dia que você errar, você vai acabar onde eu estou agora. O policial não pode errar, o policial não pode tirar férias. O policial... É engraçado – não vou citar nomes –, mas uma pessoa que está aqui, depois de fazer o 7 de setembro, que foi um dia terrível, depois de fazer um monte... pegou férias e está preso. Não podemos tirar férias. Não podemos fazer... O policial é como um pastor, não é? O policial tem... Nas 24 horas, ele é policial. Mas queria dizer para vocês que muitas pessoas honradas sentaram aqui. Eu não conheço, pessoalmente, os comandantes que sentaram aqui, mas são homens honrados. Quero dizer que, infelizmente, nós sempre contamos com a força do Exército e com a tropa que ficava lá embaixo do Planalto. Sempre contamos com a força deles. Nesse dia, aconteceu alguma coisa. Eu não sei, porque eu não estava aqui. Eu não tenho poder mais sobre a polícia. O senhor falou muito bem: eu sou da reserva, eu nem me apresento mais. Hoje eu sou pastor. Hoje eu prego Cristo. E eu acho que este país precisa de Jesus e de amor. Eu não creio... Inclusive, deputado Chico Vigilante, peço ao presidente Lula – eu, inclusive, votei nele – que ele tenha misericórdia.

DEPUTADO HERMETO – Em outras eleições, não é?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – É, em outras. Que ele tenha misericórdia. Que haja indulto para aquelas pessoas. Sei que ele não é uma pessoa má. Eu sei que ele não é mau. Eu peço ao Ministro Alexandre que olhe com carinho e, realmente... Tem gente ali que estava... Se vocês virem esses senhores que estão comigo lá... Eles vão morrer presos se ninguém olhar para aquelas pessoas. São pessoas anônimas. Eu sou anônimo. Que poder eu tenho? Quem sou eu? Se me deixarem preso até o resto da minha vida, e daí? E daí para alguém? Que peso tenho eu mais? Sabe para quem estou fazendo falta? É para minha família e para os meus filhos. Deles, eu sinto saudade. Mas eu queria defender aquelas pessoas. Gente, tem imagens...

DEPUTADO HERMETO – Eu tenho um tempo ilimitado, mas meus colegas ainda querem fazer perguntas. Eu ainda tenho mais umas 10 perguntas para o senhor, mas o senhor já respondeu para o deputado Chico Vigilante. São perguntas em que vamos sempre martelar na mesma coisa, e o senhor já disse.

Quero terminar a minha oitiva dizendo só uma coisa, presidente: se o presidente Bolsonaro houvesse reconhecido a derrota e houvesse agido como qualquer pessoa normal, nada disso teria acontecido. O senhor não estaria naquele acampamento. A motivação daqueles acampamentos... Eu cheguei a esta conclusão: os acampamentos teriam sido desmontados. O senhor concorda?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Concordo e tenho mais uma coisa a dizer: há outro erro que ocorreu por conta da imprensa.

DEPUTADO HERMETO – Não, não vamos pôr imprensa aqui, não.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não vou botar imprensa aqui, não. Só um fato muito importante: durante a operação...

DEPUTADO HERMETO – A imprensa faz o papel dela, entendeu?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Durante aquela operação, que, depois, foi totalmente

desmontada, chamada Lava Jato, se falou muita coisa má contra muitas pessoas. Essas pessoas tiveram maculada a honra, inclusive o presidente, que hoje é o presidente da República, teve maculada a honra, porque isso foi divulgado no país inteiro. Muita gente que estava ali votou no presidente Lula. Eu, inclusive. Eu fui da UNE. O que acontece? Tem que haver responsabilidade, porque, depois, vem a justiça e prova que tudo era uma falácia, que tudo era mentira, que nada daquilo aconteceu. Então, gente, isso levou as pessoas a acreditarem em coisas que levaram aos fatos.

DEPUTADO HERMETO – Major, obrigado. Eu deixo o meu registro aqui. Conheço o major. Sei o trabalho que ele fez em São Sebastião e em outras unidades em que ele passou. Isso há 10 anos – eu não lembro. Quanto a esse fato, eu deixo registrado aqui. O senhor está com uma boa advogada. A doutora Raquel me deu aula e conhece os regulamentos da Polícia Militar todos. A senhora se lembra, doutora Raquel, que a senhora me deu aula quando eu era cabo, no curso de cabo, em 1995? (Risos.)

O senhor está em boas mãos com a doutora Raquel.

Muito obrigado.

Passo a palavra ao presidente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Está com a palavra, por até 25 minutos, o deputado Fábio Félix.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX (PSOL. Sem revisão do orador.) – Muito obrigado, presidente.

Bom dia, deputados, deputadas, servidores e quem está nos acompanhando pela TV Câmara Distrital. Bom dia, major Cláudio. Obrigado pela presença na Câmara Legislativa do DF. Eu queria fazer algumas perguntas iniciais, de perfil, que têm a ver com a população e os próprios parlamentares, para perceberem quem é o senhor.

Quando o senhor foi para a reserva da Polícia Militar?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Em 2019.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Em 2019.

O senhor, depois disso, filiou-se ou já foi filiado a um partido político? Eu sei que integrantes da Polícia Militar não podem se filiar, mas o senhor já foi candidato ou foi filiado a algum partido político?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Fui procurado por alguns partidos, e o motivo foi exatamente o que o deputado Hermeto falou. Eu fiz um comando muito feliz em São Sebastião. Nós zeramos a criminalidade de lá, e isso me tornou muito conhecido lá, mas, até aquele momento, eu não quis me envolver com política.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Quando o senhor começou a se envolver, de forma mais orgânica, com esses movimentos bolsonaristas? Foi durante o governo do próprio ex-presidente?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu não conheço o presidente. Na verdade, o que me levou a entrar nisso foi uma notícia que talvez seja *fake* – e eu nem sei também, pois hoje estão tão confusas as coisas – de que as igrejas evangélicas iam... hoje eu sei que é besteira, mas foi falado muito isso dentro do povo evangélico – de que, com a mudança do governo, ia ter uma caça às bruxas às igrejas evangélicas. Esse é o motivo por que eu fui para lá.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Isso foi quando, em qual ano?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – No início do...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Em 2018, em 2019, antes da eleição do Bolsonaro?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – É. Isso. Como eu disse ao senhor, eu nunca acreditei em direita e esquerda. Eu não acredito...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor disse que já votou no Lula, não é?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Já votei, já fui da UNE...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Quando o Lula foi eleito em 2002 – a primeira vez – e, em 2003, assumiu o governo, quantas igrejas evangélicas ele fechou no governo dele?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Pois é, essa é a questão toda. Eu... O Lula, quando eu votei nele a primeira vez, ele era um herói, um sonho para a gente, um cara que foi metalúrgico, um cara... Só que, agora, com as decisões da justiça – e a gente cria a nossa justiça –, foi dito que ele não fez nada disso, agora, muitos anos depois de muitos estragos, mas foi uma decepção que eu tive, na época, por conta do que aconteceu, porque a justiça...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas é sobre fechar igreja que eu estou dizendo.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Como assim?

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Quantas igrejas ele fechou, na análise do senhor dos governos Lula?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu não sei dizer. Isso foi uma notícia. Eu não sei dizer ao senhor.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Ah, o senhor leu que ele fechou igreja?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Não li. Infelizmente... Agora, existe controle sobre *fakes*, mas, infelizmente – inclusive *fake* sobre a minha pessoa, que eu estou preso por causa de *fake* –, eu queria muito que o jornal que falou sobre...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor se envolveu no movimento, engajou-se mais organicamente no movimento bolsonarista por conta dessa *fake news* de que o Lula fecharia igrejas?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Não sou, eu não diria que eu sou bolsonarista.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Ah, você não diria?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor é o que então? O senhor se definiria de alguma forma assim?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Naquele momento em que as coisas estavam acontecendo ali, as coisas que ele dizia pareciam, para nós, mais factíveis e eram – é aí que está o grande problema. Muitos juristas que estavam ali... Porque eu não sou louco, sou policial militar. Inclusive, eu queria até, novamente, dizer que nenhum policial militar, deputado, pode fugir. Nós dependemos do nosso salário, e ele é cortado assim... Se eu fugir, se eu ficar 8 dias...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Vamos tentar focar aqui só para irmos de pergunta a pergunta.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – *Ok*.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor não se considera bolsonarista, mas o senhor era bolsonarista?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Eu creio que bolsonarista...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor ficou ativo nos grupos de WhatsApp do Bolsonaro ao longo dos últimos 4 anos?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, eu...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Dos 4 anos do governo, apoiando, no ano de eleição.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. O que acontece? A gente tinha muita... O conservadorismo, a questão de ser conservador, eu sou mesmo. Eu creio que eu seja uma pessoa conservadora, tá? Inclusive, o senhor não lembra de mim, mas eu já estive com o senhor em

algumas situações a serviço – é diferente de boina –, mas, assim, eu creio que eu sou conservador, mas para o bem. Deputado, todo dia, a gente ora, naquele presídio, pelo Alexandre Moraes, pelo Lula. A gente não quer o mal dessas pessoas.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Entendi.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – A gente quer que eles tenham sucesso e, infelizmente, o jogo político é muito pesado. Infelizmente, a gente... eu aprendi uma coisa agora, com 50 anos, que é muito triste ter aprendido tão tarde: as notícias narrativas te levam num caminho que nem sempre é o caminho verdadeiro. E eu tenho muita pena. Eu não vim aqui pedir por mim. Eu vim aqui pedir inclusive para o senhor também – eu sei que o senhor é uma pessoa influente –, por aquelas senhoras e senhores que estão ali, gente, pelo amor de Deus.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Major, vamos tentar focar.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Ok.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Vamos falar do acampamento, então?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – No acampamento que aconteceu no quartel, o senhor disse que não foi um dos convocadores.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – De maneira nenhuma.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Foi um movimento que o senhor disse que foi espontâneo...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – ... de ida para a frente dos acampamentos.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu quero colocar uma coisa: é celular...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Como o senhor teve conhecimento do acampamento? Foi por grupo de WhatsApp em que o senhor estava dentro, que estava convocando?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Num determinado dia, eu estou lá, o pessoal da igreja liga: “Oh, nós vamos fazer... vamos fazer uma ação social”.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Qual igreja?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – É... se chama... são comunidades. Nós somos comunidades evangélicas.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sim.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Muitas, muitas, muitas, muitas. “Vamos fazer um movimento lá, vamos levar sopão, vamos orar, vamos cortar cabelo, pessoal está lá”. Eu falei... a gente faz isso todos os dias. Faço em hospital.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sim.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Tem muita... isso é normal. Fomos para lá para fazer essa situação.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Isso foi quando? Qual foi o dia? Essa foi a primeira vez que o senhor foi ao acampamento?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Foi. Isso, no meio ali, eu acho. No...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – No meio de novembro? Qual foi o dia?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – É porque eu não sei quanto tempo durou exatamente. Eu nunca dormi lá.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor nunca dormiu no acampamento?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Nunca dormi lá.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor passava o dia e ia embora?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Eu não passava o dia. O que acontece? Existiam os horários em que eles davam chance para a gente falar no microfone para pregar. E, como eu, assim, modéstia à parte, prego e as pessoas gostavam da pregação...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor é uma liderança?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Pregação. Pregação não tem nada a ver.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Uma referência.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Cristo, Cristo, Jesus. (Ininteligível.)

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O deputado Chico Vigilante mostrou alguns vídeos aqui em que o senhor não está falando necessariamente de Cristo.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Nesse caso ali, nesse caso do carro, por exemplo, vamos lá: lá tinha centenas de pessoas e todo mundo naquela... e aí vinha a notícia, né?

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor não era um dos líderes do movimento golpista?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Como? Eu não tenho influência.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Porque algumas pessoas apontam o senhor como essa referência.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Mas é o que eu disse para o senhor: eu sou muito conhecido em Brasília.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – E o senhor não falava só de Cristo!

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não, não, não...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor pregava. O senhor até trouxe uma Bíblia hoje e eu acredito que o senhor pregava também.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas o senhor também falava sobre...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Eu tinha...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – ... não aceitar o que estava acontecendo.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não, não, não...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sobre radicalizar.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sobre as falas. Isso é muito bom que seja esclarecido.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor defendeu intervenção militar?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, aquelas... de jeito... eu sou militar, gente. Eu sei que se não fosse... aquelas faixas, aquelas faixas que colocaram ali, muita gente colocava aquelas faixas à noite e muitas delas eram retiradas. O Exército retirava. O problema é que quando...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas elas estavam lá.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – É, mas...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Havia faixas de intervenção federal...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Tinha.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – ... e intervenção militar.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Tinha, mas o que eles faziam? Como é que era feito? Ali o pessoal acampou de vários locais do país. Tinha dança típica, tinha várias apresentações ali. O pessoal, à noite, e esses grupos, eu não saberia informar realmente, chegavam ali e colocavam. O

SOS tão falado, o "SOS Forças Armadas", de que o pessoal falava que era para intervenção, não era esse. O SOS era para o pessoal do Exército, exatamente o que eles estavam querendo. Foi o que foi feito no relatório. O relatório foi feito, foi tranquilo, tanto que parou. Se você pegar lá, na data em que eles... parou aquele negócio de "SOS Forças Armadas". Esse grupo intervencionista não era benquisto ali.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Ah, então, existiam facções dentro do acampamento?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim! Não era bem benquisto ali.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, existia uma facção que era uma facção de intervenção militar.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – De intervencionista. Foi do que o senhor chamou.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Isso. Isso. Mas eles não eram benquistos. Tanto que eles não gostavam de ficar no nosso caminhãozinho. O nosso caminhãozinho não tinha verba. O nosso caminhãozinho era – está lá, está filmado – uma barraca. Eles não ficavam ali.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, vocês tinham outro grupo.

E o grupo de vocês era o quê? O que vocês defendiam?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não! Eu só aparecia ali para pregar. Eu tinha minhas convicções também. Fiz besteira também, no sentido de... É que o pessoal ficava...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor aparecia para pregar, eu acredito no senhor. Mas o senhor não aparecia só para pregar.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Naquela questão do carro que vocês viram ali...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Só para pregar, não. O senhor falava e defendia o seu ponto de vista.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Isso.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Qual era o ponto de vista que o senhor defendia?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu acreditava, devido aos juristas e todo mundo que falava ali, que podia acontecer... Todo mundo achava isso também, tá? Podia acontecer que o STF ou alguém falasse assim: "Não. Realmente, vamos fazer novas eleições aqui, porque esse CD que eles encontraram apresenta um defeito". Mas ninguém falou. Quando o STF bateu o martelo... No dia que o STF bateu o martelo...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – CD? Que CD? Não entendi essa do CD. Essa aí eu perdi.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – É que disseram que tinham CDs. Eu não lembro bem da história desse código-fonte aí, dessa história do código-fonte.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sim.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Disseram que eles estavam analisando os CDs. Quando o Exército pegou aquilo, que saiu aquela imagem, todo mundo...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Disseram, no acampamento, que havia CDs.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Em tudo que é mídia.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Ah, na mídia.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Na mídia, que tinha CD, no WhatsApp, esse negócio de CD. E a gente ficava naquela: "Gente, está acontecendo, está acontecendo. Vai acontecer".

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – E esse CD iria fazer o que, exatamente?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eles foram entregues para o STF, pelo que falaram lá,

divulgaram.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Entendi.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – E a gente ficou aguardando. Só que aí aconteceu um fato.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas vocês não sabiam qual era o conteúdo desse CD?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Nós não sabíamos de nada.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Vocês acreditavam que esse CD iria fazer alguma coisa?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Acreditávamos no que estava sendo veiculado pelos grupos ali. A gente acreditava. Só que teve um momento que se perdeu o controle da informação. E aí aconteceu um fato que mudou tudo. O fato que a gente ficou sabendo era que o presidente viajaria e que os ministros do Supremo também viajariam. Eu falei: "Gente, espera aí". Isso antes. "A posse já é agora, dia 1º".

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Isso era que dia?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Bem no finalzinho já. Foi o que deu problema com aquele grupo que me xingou ali. Falei: "Gente..." Naquele dia. É por isso que eu queria toda aquela parte. Eu falei o seguinte: "O presidente vai viajar. O STF todinho está viajando..."

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O presidente foi passear. Enquanto vocês estavam no acampamento, ele foi passear em Orlando.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Aí, eu falei para o pessoal. Fui hostilizado nesse dia. Fui muito hostilizado nesse dia, porque eu falei: "Gente, eu..."

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas o senhor lembra o dia da história do CD? É que essa história do CD eu não...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – É porque eles queriam que eu ficasse pregando lá. O que é que acontece? Aconteceram alguns fatos... Ai, gente, vou ter que entrar numa seara bem complicada.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sim.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não sei qual é a religião do senhor.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Eu queria que o senhor entrasse – peço permissão ao deputado Fábio Félix.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sim.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Entre nessa seara bem complicada e explique tudo.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Vou explicar tudo, então.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Se precisar, dou até mais tempo.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Obrigado, presidente.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Deixe eu falar uma coisa para o senhor. Lá, quando sumia um celular, uma carteira, a pessoa ia lá e entregava. Lá, quando sumia dinheiro, a pessoa ia lá e entregava o dinheiro em espécie. Eram pessoas extremamente honestas. Pelo menos, o pessoal com quem eu estava falando, que era a minha frente. Era um grupo pequeno, na frente do QG. O meu grupo não era grande. Eu só fico chateado... Eu sei por que eu estou aqui. É porque o lugar que eu escolhi foi o melhor lugar, mas, ao mesmo tempo, foi o pior, porque eu fiquei na frente da entrada. Então, a gente pregava ali. E aí, o grande problema – acho que o Pastor Daniel Castro sabe como é que funciona isso – é que houve pessoas que chegaram ali doentes e foram curadas por orações. Não só minhas, mas de outros pastores.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sim.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Isso chamou um público imenso para fazer aquela situação do horário da oração de cura ali. Esse pessoal ia para a oração de cura. Muita gente também ia comer. Pessoas que não tinham comida iam lá, porque tinha comida típica. Eles faziam comidas típicas, que a gente não conhecia. Então, o que é que acontece?

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas o senhor não lembra o dia que vazou essa história do CD na imprensa?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, mas está na imprensa. Está na imprensa.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Era em dezembro?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Vou lembrar. O senhor lembra um negócio de um tal de um argentino? Que um argentino foi não sei aonde e fez um... E olhou lá...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sim, lembro.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Por alto... Foi naquela época. Aquilo ali acendeu um...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Entendi. Aí vocês acharam que aquilo ali era um gatilho para mudar alguma coisa?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Aquele argentino ali...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sim.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – ... ele causou um problema para a gente porque o pessoal estava desistindo. Quando aquele argentino apareceu, o pessoal acendeu de novo: "Opa, está acontecendo alguma coisa!" E aí o pessoal se manteve mais porque, naquela semana do argentino, nós já... Eu não sou liderança, mas eu falei: "Gente, eu não vou vir mais pregar". E o pessoal: "Não, por que você não vai vir mais pregar?" Eu falei: "Porque, cara, eu tenho que mexer na minha vida". E eu continuei a minha vida normal. Dava aula, eu dava aula normal.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Deixe-me lhe perguntar, o senhor ficava bem na entrada do acampamento e disse que o Exército mandava os recados e que vocês estavam ali autorizados?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Totalmente.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – A Polícia do Exército autorizou vocês a estarem ali...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Totalmente.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – E eles mandavam recados. Quem mandava recado? O senhor chegou a falar com coronel Boeri, com o general Dutra, com o capitão Almir (*sic*)?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não, não. A gente só falava com os oficiais de dia que chegavam lá com algum tipo de petição, com o trânsito, alguma coisa assim. Eles vigiavam a gente dia e noite. Lá, às 10 horas, não podia ter mais som, apagavam, eles faziam as patrulhas ali. Qualquer tipo de intervenção... Área militar é um local muito, muito sério. Uma pessoa bebendo na área militar é presa. Ela não é só detida, ela é presa, porque é crime. Então, a gente... E outra...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas o Exército estava parcimonioso, porque nunca houve acampamento naquela área.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Baseado nisso aqui, na Constituição. Vou dar um exemplo para o senhor...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Eu vou falar para o senhor que aqui no DF existe, inclusive com a anuência de todos os órgãos federais, um decreto sobre acampamento na área patrimoniada. E não pode haver acampamento, porque eles não permitem nenhum outro acampamento.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Pois é.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Quando permitem, é datado, com hora para começar e para sair, até o último dia. Então, esse acampamento é completamente fora da curva.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – O senhor acabou de me fazer uma defesa agora. O senhor acabou de me fazer uma defesa, porque eu também, como militar...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas o senhor estava lá.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim, mas deixaram. Eu também, como militar, quando eu cheguei ali...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O Exército permitiu que vocês estivessem lá.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim, quando eu cheguei lá, eu achei estranho. Eu falei: “Gente...”

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas o senhor chegou a perguntar para alguém: “Podemos ficar aqui?”

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, mas lógico...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Estava implícito.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Lógico. E outra coisa...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas o senhor teve contato com algum militar...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – ... que falou taxativamente isso para o senhor?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Só os... A gente não tinha contato com o comando. A gente só tinha contato com subalternos.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Ah, está bem.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – E mais, em todo o país, o senhor vai ver... Por que aqui em Brasília foi desse jeito? Porque aqui é o centro do poder, mas em todo o país tinha esses acampamentos. O senhor se lembra, por exemplo, vamos botar aqui: quando o presidente Lula, infelizmente, ficou preso lá na Polícia Federal, o povo também foi para lá, o que não é uma coisa usual, mas, também, não foi proibido. As pessoas ficaram ali. Nós não estávamos ali proibidos. Qualquer um que chegasse... se chegasse alguém...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Há áreas em que eles permitem e há áreas em que eles não permitem. Aquela é uma área... Eu imagino que, se houver um acampamento do MST no QG do Exército, rapidamente vai ser desmobilizado.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – É.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Enfim, existia naquele contexto uma espécie de autorização do Exército para que aquele acampamento acontecesse, inclusive o seu monitoramento.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Nos estacionamentos, eles orientavam onde podia estacionar, eles orientavam onde podia ter barraca e onde não podia. O caminhãozinho...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Tivemos a informação de que eles pediram para o Detran não multar carros e ônibus que chegavam.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Olha, esses ônibus foram uma surpresa, tá? Os ônibus que chegaram a Brasília naquela época foram uma surpresa. Quando aconteceu...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Antes de o senhor falar dos ônibus, temos alguns minutos ainda...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Ok.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Houve uma briga do pix. O que soubemos foi pela internet, o deputado Chico Vigilante já perguntou algumas coisas, não é, deputado? Como foi essa briga? Porque havia muita gente pedindo pix e depois houve uma denúncia da máfia do pix.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Uhum.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor é uma das pessoas que pedia o pix.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. (Risos.)

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não pedia?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – A minha conta...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Qual era a briga? Pois foi uma briga. O povo estava brigando com o senhor.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – A briga ali foi o seguinte: nesse exato dia foi o dia que eu comuniquei que eu não iria mais, que não tinha mais motivo de ser, fui muito hostilizado.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas o senhor recebia esse pix na sua conta, na conta de alguém conhecido?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Qual era a conta do pix?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Deixa eu falar. Vou falar o que eu sei. Eu cansei de ver carros chegarem ali, na beira da pista, com água, com carne, com alimento e botavam lá. O Exército vinha e tirava. Esses carros paravam correndo – inclusive eram multados pelo próprio Exército. Eu sei que tinha alguma coisa, porque era uma correria. Deixavam lá, eles saíam correndo. Quando o Exército chegava, multava ou mandava embora. Não podia ficar. Isso era uma das principais situações. Só que entrava muito material para alimentação ali, para as barracas. Eu não sei, eu sei que teve muito voluntário, teve médico voluntário lá, teve o pessoal que corta cabelo, muita gente voluntária, muita igreja voluntária.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas e o pix que o senhor pedia ia para onde?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu não sei dizer.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas o senhor falava: “Gente, vamos doar, vamos ajudar, tem alimentação”. O senhor tinha que dar a chave do pix. Essa chave era de quem? Com quem o senhor conversava?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Aí eu não...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor decorou uma chave para pedir: “Galera, vamos doar aqui”.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não. Chave eu nunca disse. A gente, quando pedia para o pessoal ajudar na questão de comida ou água...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas onde que entrava esse dinheiro?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Lá para a alimentação do pessoal que estava comendo.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sim, mas aí o dinheiro entrava em algum lugar.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, mas eu não sei. Deputado, eu ia lá pregar 4 vezes por dia. Eu só fui lá para isso.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor tem noção de quanto entrou de dinheiro?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Nenhuma.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor nunca participou da prestação de contas?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – De jeito nenhum. Eu não tenho noção disso.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Entendi. O senhor pode confirmar isto: na sua conta não entrou nenhum real de pix de doação no acampamento?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – daquelas pessoas ali, não. A minha conta está sendo vasculhada.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Sim, eu estou perguntando só para o senhor afirmar.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não entrou.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Agora tem um detalhe. O que acontece? Eu recebo pelas minhas aulas, sempre recebi. Só que, quando fizeram o balanço da minha conta... Eu tenho um salário x... Tinha. Eu tinha um salário x.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Vinte mil, segundo o Portal da Transparência.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu tinha um salário x.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Eu estou dizendo o que está público para a população.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Desde o dia 23 de março, quando bloquearam... Eu não sei o que está acontecendo com a minha conta na verdade... Mas nunca alcançaram nenhum valor que fosse acima do meu salário, que não fosse os meus gastos normais.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Major, houve a denúncia – o senhor já esclareceu aqui – sobre as técnicas de guerrilha. Esse foi o nome utilizado, o carimbo utilizado.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Quem falou isso foi a minha ex-esposa.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Entretanto, obviamente que pode não se tratar especificamente de técnicas de guerrilha, mas a Polícia Militar, por atuar de forma ostensiva na rua, também sabe as vacinas para que aquilo não funcione. Por exemplo, *spray* de pimenta, o gás, a bomba. Então, muita gente falava: “Você vai passar tal produto, você vai usar a máscara, você...” São orientações, não são exatamente técnicas de guerrilha, mas são técnicas para você minimamente mitigar os efeitos daquele que é o combate feito pela Polícia Militar. Disso eu tenho certeza que o senhor tem conhecimento.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Tenho e...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Porque todos os policiais militares que já atuaram em manifestações têm conhecimento. O senhor, em algum momento – porque algumas pessoas acusaram o senhor disso –, orientou os manifestantes a como se portar nesse enfrentamento com as forças policiais?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Vou ser técnico e direto: não existe nada que consiga suportar o gás pimenta. Isso tudo é falácia.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Nenhuma... Vinagre não mitiga? Nada ajuda?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Isso é conversa fiada, brincadeira de menino. Isso não existe.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor não ensinou, não falou de nenhuma técnica?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Mesmo que eu ensinasse – não ensinei –, seria totalmente inócuo. As pessoas sentem o efeito do mesmo jeito.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, não tem técnica, não tem o que fazer?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Lá no acampamento...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – E o senhor não orientou nada em relação a isso?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Eu estava na frente do Exército, gente.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Eu sei onde o senhor estava, mas eu estou perguntando se o senhor orientou.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, eu só ia lá para fazer isso.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor só pregou mesmo e defendeu o seu ponto de vista?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu estaria sendo mentiroso se eu falasse que eu nunca defendi o meu ponto de vista.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – No dia 12 de dezembro, o dia da queima de ônibus e carros, o senhor estava...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor estava no acampamento? O senhor era amigo do indígena Serere Xavante?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Ele é uma pessoa extremamente complicada.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas o senhor o conhece?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Ele apareceu lá. Ele era muito incisivo, muito...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor teve alguma relação com ele lá...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. No acampamento, como o senhor falou – isso tem que ser bem dito –, existiam grupos ali dentro daquele acampamento. O dos indígenas...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – O Serere era complicado em que sentido?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Ele não era benquisto pelos próprios outros indígenas.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Mas o senhor disse que ele era complicado. Qual era a complicação dele?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – A complicação era que nem os outros indígenas – nem os outros indígenas! –, que eram bem pacíficos, gostavam de conversar com ele. Ele era muito...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Incisivo.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, era radical mesmo, um cara de...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor não estava no acampamento no dia 12?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Não estava no acampamento no dia 12?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Eu passei nesses horários...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, no dia 12, o senhor passou no acampamento?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Nos horários da pregação, sim.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Vamos lá, o senhor passou no acampamento no dia 12 de dezembro, nos horários das supostas pregações que o senhor fazia.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Isso. Lá, eu fiquei sabendo que o Serere tinha sido preso.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Entendi. Aí o senhor participou das manifestações radicalizadas?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Das ações de queima de ônibus, depredação de delegacia?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Deixa eu falar para o senhor e vou falar bem claro. Nem eu, e creio que ninguém que estava no grupo de que eu estava à frente, eles não... Deputado, eu queria, se fosse possível... É porque ninguém foi lá... Dá um pulinho lá onde eu estou preso e peça para aquelas pessoas saírem. São idosos que mal andam, idosos com problema de comorbidades. Para eu treinar um grupo... Vamos fazer uma ilusão aqui: se fosse possível eu treinar um grupo para fazer qualquer tipo de... aquele pessoal ali é totalmente inapto.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Eu não estou falando disso. Eu estou perguntando ao senhor, taxativamente, sobre o dia 12 de dezembro.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – No dia 12 de dezembro, essas pessoas que mal andam quebraram duas delegacias...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não, não.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Tocaram fogo em ônibus, tocaram fogo em carro. Daqui a pouco, haverá um monte de gente para defendê-los. Eu estou aqui para apurar fatos.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Deputado, eu sei que o senhor é uma pessoa honesta e as filmagens estão lá...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor estava no acampamento no dia 12, porque primeiro o senhor disse que não estava. Agora o senhor disse que estava.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não. Nos horários que eu...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Mas no dia 12, não importa o horário...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor estava ou o senhor não estava.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu estou falando que nas minhas pregações eu estive...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Porque eu estou perguntando muito diretamente.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Lá no acampamento... Eu estou falando para o senhor: lá no acampamento eu fiquei sabendo que o Serere tinha sido preso.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Então, o senhor estava no acampamento no dia 12?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – No acampamento.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – No acampamento. *Ok.*

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Os advogados perguntaram onde é que...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Na primeira vez, o senhor respondeu que não estava no acampamento...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, é que você perguntou muito rápido. Os advogados... Quando o Serere foi preso, lá tinha muito advogado – no acampamento –, e eles foram lá para a sede da Polícia Federal. Alguns deles, inclusive, fizeram apoio lá. E outra: eu saí em 2019. Eu conheço toda a PM. O oficial que me trouxe aqui hoje eu conheço. Eu conheço todos. Se eu botasse a minha cara lá, fazendo qualquer coisa, eu estaria preso não por...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Estaria preso desde esse dia.

Então, o senhor, no dia 12, não saiu do acampamento, ficou só lá nas atividades que o senhor fazia?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu não participei de maneira nenhuma de...

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – O senhor incitou, orientou alguém a fazer...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – De jeito nenhum, de forma alguma.

DEPUTADO FÁBIO FÉLIX – Está certo.

Eu vou concluir as minhas perguntas, o senhor já respondeu as questões sobre o dia 8 de janeiro. Eu acho que ficou muito evidente, pela sua fala, o papel que alguns líderes intelectuais desse movimento, que não são aqueles que estavam no acampamento, que não é o senhor, mas são aqueles – e especialmente um deles – que não reconheceram o resultado das eleições.

O senhor disse uma frase aqui: "Como a gente podia prever que aquilo ia acontecer?" Podíamos prever, porque havia gente incitando aquilo. O ex-presidente da República não reconheceu

o resultado das eleições, incitou pessoas a fazer atos radicalizados e extremistas, assim como fizeram outras lideranças pelo Brasil, infelizmente sob o silêncio de instituições importantes. Acabou acontecendo, no dia 12 de dezembro, a tentativa de bomba, na semana do Natal, no Distrito Federal, e, depois, no dia 8 de janeiro.

Era possível prever porque existiam lideranças e forças políticas deste país, do meu ponto de vista, incitando pessoas a promoverem o processo que aconteceu.

Têm sido citados muitos versículos da Bíblia. Eu queria citar 2 versículos. Tenho uma formação muito forte na Igreja Evangélica. A Igreja Batista tem tradição protestante muito forte. Fui frequentador da escola dominical. Há 2 versículos que me marcam muito. Eles me foram enviados há poucos dias. São os versículos 15 e 23 de Mateus, capítulo 7.

“Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores. Por seus frutos os conhecereis”.

Obrigado, presidente.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – A deputada Jaqueline Silva seria a próxima a fazer perguntas, mas teve que se ausentar.

Portanto, concedo a palavra, por 25 minutos, ao deputado Pastor Daniel de Castro.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Obrigado, presidente.

Bom dia a todos que assistem a nós pela TV Câmara Distrital, aos deputados que aqui estão e aos assessores.

Bíblia não é só para ser citada. É para ser vivida também. Isso precisa ser dito, porque todo pretexto tem um contexto. É importante falar sobre isso aqui. Falsos profetas há em todos os lugares e não só nas religiões. Falsos profetas há em todos os lugares.

Deputado Hermeto, o Bolsonaro não foi o único que deixou de passar a faixa. Na história do Brasil, 10 ex-presidentes deixaram de passar a faixa. É um direito e é uma das coisas que o Bolsonaro fez e com as quais não concordei. Quando o presidente Lula ganhou a eleição, fui a um totem em Vicente Pires e fiz um vídeo, parabenizando quem ganhou. Parabenizei o Supremo Tribunal Federal e o Tribunal Superior Eleitoral, porque fui fruto das urnas. É muito importante dizer isso.

Vou citar outro versículo. Salmo 119, versículo 142: “A tua justiça é uma justiça eterna, e a tua lei é verdade”.

Não vou nem falar sobre a justiça dos homens, porque ela é da boca para fora e pode ser dita. A justiça de Deus é eterna, major.

Major, cumprimento V.Sa. e seus nobres advogados.

Não vou entrar em detalhes. Li seu relatório, sua peça. O senhor nem em Brasília estava. Naturalmente, o senhor já respondeu muitas perguntas que eu gostaria de ter feito e que outros fizeram.

Eu quero, na minha cronologia, fazer algumas coisas importantes.

Senhoras e senhores membros desta Comissão Parlamentar de Inquérito, estamos caminhando para as nossas últimas reuniões. Creio que seja este o momento adequado para falarmos sobre o saneamento das investigações. Exatamente por esse motivo, daqui a alguns instantes, vou rememorar informações que não podem ser desprezadas por esta comissão.

Primeiro, o lamentável relatório apresentado pela senadora Eliziane Gama é algo que não pode se repetir nesta casa, porque se trata de uma peça de ficção, insurgida do sentimento mesquinho do revanchismo, do ódio – e dizem que o amor venceu o ódio.

E as conclusões não apontam o indispensável vínculo entre provas produzidas e conclusões exaradas, ou seja, o devido processo legal, a individualização.

Eu fico chorando por dentro aqui, major, quando o senhor diz que tem 62 anos, está lá preso e não tem uma vida pregressa de crime.

Muitos deles são réus primários que não tiveram o direito ao duplo grau de jurisdição e à ampla defesa. Estão sendo condenados, no Supremo Tribunal Federal, a 17 anos de cadeia. Nós temos bandidos, estupradores, traficantes de drogas, assassinos soltos nesta nação, e senhoras e senhores presos.

A tua justiça é uma justiça eterna, Deus. E a tua lei é verdade.

Essa peça da Eliziane trata-se de uma ficção insurgida desse sentimento de ódio, de revanchismo, ou seja, do ponto de vista processual penal, pouca efetividade poderá ser aproveitada. Falo disso como advogado que sou.

Eu creio que os órgãos de controle, como o Ministério Público e a justiça, não vão embarcar nesse tipo de peça que é só para um lado, é eivada de parcialidade.

Senhoras e senhores parlamentares, nós temos um compromisso moral com a sociedade brasileira e, diferentemente de um relatório que foi apresentado na CPMI, respeitamos a inteligência das pessoas que estão acompanhando o nosso trabalho.

Eu fico analisando os vídeos de todos os parlamentares desta casa. São 100, 140 mil visualizações. A população do Brasil está de olho nesta casa. O que o povo brasileiro espera de nós é apenas a verdade, e nós devemos isso à população do Brasil.

Ainda bem que, nesta casa, a relatoria está sob os cuidados de um parlamentar experiente, sério, preparado. Não tenho dúvida de que o deputado Hermeto produzirá um documento isento, imparcial. S.Exa. tem falado isso para nós. Não abre o relatório. O que lhe é um direito. Discordo, mas é um direito.

S.Exa. tem conversado, soltado algumas coisas não do relatório, mas de como será a sua presença como relator. Isso marcará a sua vida. Marcará a vida do deputado Chico Vigilante, como presidente desta comissão. Marcará as nossas vidas.

Aqueles que vão colocar a mão na injustiça pode ser que um dia não sejam alcançados pela justiça daqui, mas serão alcançados pela justiça do céu. A justiça do céu não falha.

Eu tenho certeza de que o vosso relatório retratará fielmente o acervo probatório construído ao longo desses 10 meses, relator. A conclusão do nosso trabalho não pode estar contaminada por ideologia político-partidária. Não pode.

Eu vi esses dias, na imprensa, que o Lula iria procurar a Gleisi Hoffmann, para que ela procurasse o Chico, para tentar interferir nesta comissão. Não vai interferir!

O presidente desta comissão foi claro! Falou que não é *pizzaiolo* e nenhum de nós o é. Portanto, esta CPI não virará *pizza*! É palavra do nosso presidente, em quem nós confiamos! Foi eleito por todos os votos!

V.Exa. também, relator. Nós estamos aqui fazendo um trabalho sério. Temos diferenças ideológicas, muitas vezes extremamente antagônicas – um no norte, outro no sul –, mas nunca tirou de nós a parcialidade da conversa, do diálogo, da busca da verdade. Quem errou que pague! Quem é inocente, pelo amor de Deus, que seja solto! Estão praticando um verdadeiro suicídio na cabeça das pessoas, uma opressão violenta na cabeça dos inocentes. Que as pessoas respondam na medida da sua culpabilidade.

Quem se apropriou da CPMI para perseguir adversários que seja novamente julgado pela história, pois, diferentemente dos factoides jurídicos e do malabarismo leviano, o julgamento feito pela história é implacável. Basta ver que não se consegue sair às ruas para compreender o que o povo pensa sobre alguns políticos brasileiros.

Senhor relator, com todo respeito e admiração que nutro por V.Exa., sugiro que cada item

analisado e reputado relevante em vosso relatório indique com muita clareza o trecho probatório que serviu como elemento de convicção para indiciar as pessoas.

Nosso fato determinado está descrito no requerimento da criação desta CPI e não podemos nos afastar dos limites que a própria CPI impõe para cada um de nós. Aliás, é importante lembrar que a função de uma CPI não é condenatória, mas, sim, investigativa. Aqui, muitas vezes, já se condenaram pessoas, condenaram-se inocentes. Nossa função é analisar fatos, omissões e responsabilidades com total isenção e imparcialidade.

Nesse ponto, é importante registrar que esta CPI tem à sua disposição os depoimentos do coronel Naime, da coronel Cintia, do coronel Fábio, do general Dutra, as inverdades do general Gonçalves Dias, as declarações da doutora Marília, os esclarecimentos prestados pelo doutor Saulo e as imagens do acampamento no dia 6 de janeiro, exaustivamente mostradas. Portanto, já não há mais dúvida quanto ao fato de que não é mais possível vincular o acampamento às invasões. Continuo dizendo e vossa senhoria acabou de falar que o acampamento estava esvaziado. Quem ia para lá ia para comer. Os responsáveis chegaram a Brasília no dia 7 de janeiro. O relatório da ANTT está à disposição desta casa. Meu requerimento está aqui para ratificar essa informação. Temos o compromisso moral e institucional de apresentar uma peça tecnicamente precisa, imparcialmente elaborada e processualmente impecável.

Está dito o que acho como deputado, como advogado, como deve ser a nossa peça nesta casa. Que o nosso relatório não se afaste desses pilares. Que todo esforço até aqui empreendido não seja maculado. E que, ao final, possamos apresentar à sociedade brasileira os verdadeiros responsáveis por aqueles acontecimentos lamentáveis para a história da nossa nação.

Major, vou perguntar muito pouco, porque tenho um *powerpoint* para apresentar, para rememorar todos os parlamentares desta casa.

O senhor conhece o ex-presidente Bolsonaro?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor se considera uma pessoa do círculo de amizade do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor já trocou mensagem com o ex-presidente Bolsonaro?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor já trocou mensagem em redes sociais com o ex-presidente Bolsonaro?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor já trocou mensagem com o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro pelo WhatsApp?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Ele incitou o senhor a essas invasões, essas depredações?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor foi incitado pelo presidente Bolsonaro para permanecer no acampamento?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O ex-presidente Bolsonaro já esteve naquele acampamento?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Alguma vez alguma pessoa dele esteve lá?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não que eu tenha visto. Não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O ex-presidente Bolsonaro deu alguma ordem ao senhor para que invadisse algum prédio público?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Pelo contrário, a gente não ouvia isso. A gente ouvia 4 linhas o tempo todo.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor pode apresentar algum áudio, vídeo ou outro elemento probatório que vincule o ex-presidente Bolsonaro às invasões?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – De maneira nenhuma.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Em algum momento, o general Heleno ou o tenente-coronel Cid se reuniu com o senhor para falar sobre golpe, atos terroristas ou invasões a prédio público?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – O senhor se considera um terrorista?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Infelizmente, nós estamos vendo agora, nas televisões, o que é terrorismo. Está lá o terrorismo, bem escancarado, na cara de todo mundo, a covardia do terrorismo. Infelizmente...

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – Vou pedir ao senhor.. Por favor, vou cortar a sua fala, porque eu tenho pouco tempo.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Está bom.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – E eu acho que, simplesmente, o Chico não fez uma ilação. Jamais ele comparou o senhor a um terrorista. Não. Por mais que eu ache que foi um pouco de mau gosto aquela vestimenta do senhor, não se compara ao Hamas. Hamas é um grupo terrorista.

Vamos lá. Eu vou passar um *powerpoint* aqui. Eu chamo a atenção, porque houve um vídeo meu que teve 4,5 milhões de visualizações. A maioria dos vídeos aqui têm 100 mil, 140 mil visualizações. Então, chamo a atenção de quem está nos acompanhando. Não quero que quem nos acompanha creia no que eu estou falando. O que eu estou falando eu falo para mim, para formar minha convicção como investigador. Mas eu peço que quem nos acompanha e todos que estão aqui estudem, leiam o que está escrito, o que foi dito pelas autoridades, para formar convicção.

Eu vou disponibilizar esse *powerpoint* de hoje nas minhas redes sociais. E vou disponibilizar um outro que eu estou fazendo para a próxima oitiva, que será o último degrau. Hoje é o penúltimo.

Então, eu peço à técnica que, por favor, comece a passar o *powerpoint* que eu disponibilizei.

Quantas competências, omissões e responsabilidades?

Pode passar.

Preste atenção.

Medida Provisória nº 1.154, de 1º de janeiro de 2023, que estabelece a organização básica dos órgãos da Presidência da República e dos ministérios.

O art. 2º vai dizer: "Integram a Presidência da República..." Isso aí já é novo. Foi agora, no começo do governo do presidente Lula.

"Inciso VI – O Gabinete de Segurança Institucional..." Preste atenção! "O Gabinete de Segurança Institucional compõe a Presidência da República."

Pode passar.

“Art. 8º, § 1º Os locais e as adjacências onde o Presidente da República e o Vice-Presidente da República trabalhem, residam, estejam ou haja a iminência de virem a estar são consideradas áreas de segurança das referidas autoridades, e cabe ao Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, para os fins do disposto neste artigo, adotar as medidas necessárias para a sua proteção e coordenar a participação dos outros órgãos de segurança.”

Mas eu vou falar na quinta-feira que vem, porque o presidente Lula... Hoje nós vamos chegar ao Flávio Dino. Omissão dolosa! Eu vou mostrar para os senhores. É omissão dolosa! Aliás, onde estão os vídeos do Ministério da Justiça? Sumiram! Isso é esconder prova ou dar fim a prova e enseja prisão. É um dos elementos da prisão! Onde está o Flávio Dino? Ainda continua ministro da justiça. Onde está o G. Dias? Está solto!

Na quinta-feira que vem, eu vou mostrar aqui. Olhe o que compete ao GSI! O presidente, quando viaja, não viaja da noite para o dia, não. E o Lula viajou no dia 7, às 17 horas, para Araraquara. A chuva foi uma semana antes! A que horas o Flávio Dino chegou ao Ministério da Justiça no dia 8? Dez horas? Nove? Dez e meia? Três horas? Não há vídeo. Sumiu tudo. Mas nós vamos chegar lá.

Vejam só o Senado Notícia, matéria do dia 1º de agosto de 2023. Está aí: “Ex-diretor da Abin diz à CPMI que G. Dias sabia do risco dos ataques”.

Nós estamos canalizando as omissões, a leniência de pessoas.

O Globo, matéria do dia 26 de setembro: “8 de janeiro: relatório da Força Nacional alertou Ministério da Justiça sobre risco de ações violentas três dias antes”. Três dias antes eles sabiam de tudo. “Ex-diretor da Abin diz que emitiu 33 alertas contra invasões ao governo”. Portal G1, matéria do dia 4 de setembro de 2023: “General Penteado, ex-número 2 do GSI, diz que G. Dias ‘reteve’” – vejam só – “informações enviadas pela Abin sobre ataques de 8 de janeiro”. *O Globo*, matéria do dia 4 de setembro de 2023: “Ex-número 2 do GSI diz que não recebeu alertas enviados a G. Dias no dia 8 de janeiro: ‘Teríamos tempo de reagir’”. Ele os recebeu e os reteve.

Estou mostrando isso aos senhores para que nós verifiquemos a individualização da conduta, para que nós possamos indiciar essas pessoas. Ele não só sabia dos alertas, como os reteve. E alguém de extrema competência está dizendo que, se ele houvesse falado – está ali –, “Teríamos tempo de reagir”. A quem interessou segurar a informação?

O Globo, matéria do dia 12 de janeiro de 2023: “GSI dispensou reforço da guarda presidencial 20 horas antes da invasão de golpistas”. Sabia, reteve e, em vez de agir, liberou, dispensou.

Metrópoles, matéria do dia 17 de agosto de 2023: “Ex-chefe da Abin: ‘Equipe de G. Dias facilitou a entrada de manifestante’”.

O presidente Lula ligou para o general Dias e perguntou: “Cadê os soldados, G. Dias?” Outra coisa: ao que me parece, não arrombaram a porta não, abriram-na, ela estava aberta. Alguém de dentro facilitou.

Gente, isso aqui está nos Anais. Isso aqui é técnico. Todo mundo sabe disso. O Brasil sabe disso.

Quanto à comunicação entre a Polícia Federal, o Ministério Público e o Governo do Distrito Federal – isso estará disponível em minhas redes sociais. Ofício expedido pela Polícia Federal para o Ministro da Justiça no dia 7 de janeiro, 1 dia antes – o ofício está aí: constatou-se na data de hoje, de fato, a chegada de dezenas de ônibus oriundos do estado de São Paulo. Nesse caso, “na data de hoje” é o dia 7 de janeiro. Chegou hoje. Quem chegou? Milhares. Isso mostra que aquelas pessoas, como o major disse, não eram do acampamento. Elas vieram de São Paulo, vieram do Brasil. Elas não estavam no acampamento que tanto querem dizer que era um acampamento golpista, terrorista, de tráfico de drogas, de prostituição. Está aí. Chegaram 1 dia antes. Quem? Milhares. Gente, isso

aqui está no ofício do ministro da justiça.

Vamos lá: pelas informações coletadas... Eu não vou ler para eu ganhar tempo. Está lá! Qual era a informação? Vamos tomar o poder. Qual era o poder? O poder de Brasília ou o poder federal? A esquerda sabe bem. Ele está dizendo que é tomar o poder. Não deixar o Lula assumir, derrubar o Lula. Então, prestem atenção, é o governo federal que está sob ataque, não é o Governo do Distrito Federal.

Após receber o Ofício nº 5/2023, da Polícia Federal, o ministro da Justiça encaminhou o Ofício nº 48 ao governador do Distrito Federal.

Está aí o ofício. O que ele diz? "Nesse contexto, considerando a necessidade de preservar a ordem pública..." O que ele pede ao governador? Que bloqueie a circulação de ônibus de turismo no perímetro compreendido entre a Torre de TV e a Praça... O governador fez expressamente o que o ministro da Justiça pediu a ele. Contra fato não há argumento.

Ademais, olhem só o que o Ministério da Justiça fala: "As forças federais estão monitorando o referido movimento e encontram-se à disposição para emprego imediato". Isso é o que o ministro da Justiça está falando. As forças estão de plantão e vão entrar com emprego imediato para resguardar o quê? O patrimônio da União. Quem está sob ataque é a União, não é o Distrito Federal. Ele não precisava do governador para usar a Força Nacional. Não precisava! Porque, se for assim, o governador de Brasília manda no presidente da República! Omissão dolosa, leniência e prevaricação.

Olhem o que diz o repórter: que registrou guardas da Força Nacional paradas no Ministério da Justiça protegendo o ministro, e os prédios públicos sob ataques. Prédios públicos federais, relator. Quero que V.Exa. me ouça. Quanto a prédio público federal, a obrigação é da Força Nacional, não é da Polícia Militar. V.Exa. é o representante dessa categoria, que lhe tem apreço e carinho e que o fez alçar voo a esta casa. V.Exa. sabe disso.

Terceiro tópico: o governo federal não queria a CPMI.

O portal O Antagonista, de 6 de março: "Deputado diz que governo Lula ofereceu R\$ 60 milhões para parlamentares esvaziarem CPMI". Para eles retirarem a assinatura da CPMI, porque o governo federal não queria a CPMI. Para não passar a CPMI. Por quê? Cadê as imagens? A que horas chegou o Flávio Dino? A que horas o Cappelli chegou lá? Vamos refrescar a memória para não praticarmos injustiça.

Matéria da CNN do dia 19 de abril. "Exclusivo: câmeras mostram o ministro do GSI no Palácio do Planalto durante ataques do dia 8 de janeiro".

Instalação da CPMI – Comissão Parlamentar Mista de Inquérito.

Matéria de 5 de maio de 2023. "Pacheco nega pedido da oposição e abre caminho para governo ter maioria na CPMI".

O governo federal não queria a CPMI, perdeu, ela foi instalada. O que ele fez? Tomou de assalto a CPMI e indicou a relatora Eliziane Gama. Por isso, há a responsabilidade desta CPI. "CPI do 8 de janeiro: base governista escala deputados maranhenses para formar 'cinturão de proteção' a Dino". Foram 6 deputados federais do Maranhão, mais a relatora. Ele foi lá depor? Ele foi intimado? Ele foi convocado?

O Globo, matéria do dia 25 de maio: "CPI do 8 de janeiro elege Eliziane Gama, aliada de Flávio Dino, como relatora". "Fatos que mancharam o relatório da CPMI". Como é que ela ia votar contra?

Matéria da *SBT News*: "A contragosto de servidores, marido de Eliziane Gama..." Não há nada espúrio em ele ser nomeado, mas é o marido dela. Ele foi confirmado em estatal de geologia. CPI é imparcial. Como é que vai ter imparcialidade em um caso desse? Falem para mim.

"Relatora da CPMI é cobrada por encontro de assessor". O assessor dela foi despachar com o G. Dias, gente. O assessor da relatora foi despachar com o G. Dias, e cadê o G. Dias? Foi indiciado

lá? Não foi. E o monte de mentira que ele falou aqui?.

“Eliziane usa frase de Bolsonaro”. Onde é que está a condenação, o indiciamento, aliás, de Bolsonaro? Em uma frase dele dita em 1999.

“Cronologia das invasões”. Aí está toda uma cronologia que eu faço e que está disponível no Portal Poder360, matéria do dia 9 de janeiro. Para quem quiser saber como foi a cronologia do ocorrido, está aí toda ela como aconteceu. A invasão foi às 15 e 50 – invasão do Planalto. O início da marcha foi às 13 horas. Furaram os bloqueios às 15 horas, e o ministro da justiça estava no prédio, a Força Nacional estava lá, o poder federal estava sendo atacado e ele não acionou a força federal. O presidente decretou intervenção nas forças de segurança às 17 horas.

Está aí, gente. Isso tudo faz a nossa convicção. Individualizamos a conduta e vamos indiciar pessoas que merecem ser indiciadas.

Relator, confio muito no seu trabalho. Tenho conversado muito com V.Exa. V.Exa. é um poço a sete chaves, não abre nada para nós, mas eu confio e clamo.

DEPUTADO HERMETO – Misericórdia de mim.

DEPUTADO PASTOR DANIEL DE CASTRO – É, Deus vai dar-lhe a graça. Eu clamo a V.Exa., ao presidente deputado Chico Vigilante que aqui pratiquemos a justiça. Não façamos como a CPMI, que jogou tudo para baixo do tapete e indiciou só gente de direita – parcialidade.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Aquele lanchinho, que já é tradicional, está comprado com o dinheiro do meu bolso. São 4 lanchinhos. Mas, tendo em vista que apenas o deputado Gabriel Magno, que é suplente, e a deputada Paula Belmonte falarão – portanto, serão 30 minutos –, eu vou prosseguir. O lanchinho está lá guardado. Quando terminarmos, vamos comê-lo.

Concedo a palavra ao deputado Gabriel Magno, por 15 minutos.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Obrigado, presidente. Bom dia. Bom dia, major Cláudio Mendes dos Santos.

Trata-se de um depoimento importante – mais um, presidente. Mas, antes de iniciar minhas questões, há 2 situações que não podem passar sem um comentário.

Primeiro, novamente, eu vou ser obrigado a agradecer, mais uma vez, ao deputado federal André Fernandes, do PL do Ceará, pelo requerimento que deu origem à CPMI do Congresso Nacional, que produziu um relatório muito importante para a democracia brasileira, que desnuda a tentativa de golpe de Estado que aconteceu neste país no dia 8 de janeiro, no acampamento em frente ao quartel-general e os seus responsáveis: Bolsonaro, os generais ligados ao bolsonarismo, alguns parlamentares, inclusive, dessa turma que tentou capturar o Estado brasileiro e agora serão responsabilizados em um belíssimo relatório que indiciou toda essa quadrilha. Eu quero aqui, mais uma vez, agradecer.

Segundo, eu quero dizer aqui algumas verdades, porque, senão, as pessoas soltarão informações aleatórias, para tentar confundir as pessoas. Dos 10 presidentes que não passaram a faixa na história da conturbada República brasileira, tirando quem morreu e quem não passou por conta de *impeachment* e golpe, sobraram 2: o ex-presidente miliciano, indiciado agora pela CPMI, inelegível, Jair Messias Bolsonaro; e o João Figueiredo, o último ditador da ditadura militar que também se recusou a passar a faixa para o José Sarney, porque o Tancredo Neves havia morrido. Talvez seja essa a coincidência entre os 2 que se recusaram a fazer o processo de passagem de faixa. Na verdade, são 2 que exerceram – o que não se trata de direito – essa prerrogativa de não reconhecer um processo democrático. O Figueiredo – o ditador, o torturador – e o capitão – militar também, por coincidência –, que tinha como ídolos os torturadores e os ditadores.

Dito isso, eu quero entrar nas questões ao major. Major, o senhor se contradisse várias vezes. O senhor disse, primeiro, que era anônimo, desconhecido. Depois, o senhor disse que era conhecido por muita gente e, por isso mesmo, era um elo, um garoto de recados do Exército com o

acampamento. O senhor disse que o procuravam, porque o senhor era muito conhecido, mas, ao mesmo tempo, o senhor disse que também era anônimo.

Eu quero bater nessa tecla dos acampamentos, major. O que nós vimos, durante este ano inteiro, nos depoimentos, nas oitivas desta CPI, da CPMI do Congresso Nacional, e que ficou evidente com a aprovação – novamente, repito aqui – do importante relatório que foi aprovado no Congresso Nacional, é que o dia 8 de janeiro não foi um ato isolado. O dia 8 de janeiro não aconteceu por obra do acaso, mas foi organizado, houve uma preparação, foi planejado com várias questões de fundo, como a tentativa de atacar o sistema eleitoral brasileiro. O senhor disse aqui, várias vezes inclusive, que os senhores estavam lá, ia chegar um CD, até comemoraram: “Vai chegar o CD”. Depois, era a expectativa e a fé no código-fonte, porque poderia, nas suas palavras, haver novas eleições.

Eu quero fazer uma questão: na sua opinião, de alguém que estava lá – o senhor disse aqui que essa possibilidade de novas eleições mobilizou e motivou as pessoas a ficarem no acampamento –, qual era o argumento, qual era a questão concreta para haver novas eleições no Brasil?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Caso confirmado – e não foi, por isso foi esvaziado o acampamento –, seria uma atitude de algum órgão que tivesse poder para isso, ou o Supremo Tribunal Federal, ou o STE (*sic*), alguém chegasse e falasse: “Olha, gente, realmente existe aqui, vocês estão certos, então, a gente vai rever”. Só isso. Feito isso, tanto que as pessoas que não saíram... Novamente eu vou citar: eu não posso falar do dia 8 de janeiro, eu só posso falar de até o dia 29, de até um pouco antes da posse. As pessoas que eu vi lá, que eram em um campo... Eu vou falar do meu campo de visão para o senhor, do que eu tinha do caminhãozinho e que está lá para todo mundo ver: o campo de visão é de mais ou menos 250 pessoas que ficavam à frente do caminhão, não tinha outro campo de visão – bem na frente do QG, com um monte de soldados lá e de oficiais, todo mundo ali olhando a gente. Então, esse era o meu campo de visão. E, nesse pequeno campo de visão, as pessoas que estavam ali cantavam o Hino Nacional, sim. Está filmado. Eu vi o pessoal rindo: “Ah, mas vocês estão achando que lá o pessoal...” Cantava-se o Hino Nacional e orava-se muito.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Major, deixe-me concentrar a minha pergunta.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim, eu não entendi direito, não, a pergunta.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Você falou assim: “Ah, vocês estão certos, pode algum órgão, o Supremo”...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Que alguém falasse assim.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Eu quero tentar entender qual era a razão para vocês estarem certos, qual era o argumento que vocês tinham para contestar o processo eleitoral para haver novas eleições. O senhor disse que poderia haver, caso o Supremo reconhecesse que vocês estavam certos. Mas certos de quê? Qual foi o problema das eleições no dia 30 de outubro?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Contestar não é a palavra certa. O relatório do...

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Mas, se o senhor queria novas eleições...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – É porque a gente não tem poder. É muito simples, deputado, o senhor conhece o poder.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Mas para que vocês queriam novas eleições?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, não é isso. O relatório do Exército...

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – O senhor que disse que queria.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Deixe-me ser bem claro: o relatório do Exército acendeu uma dúvida. O bendito relatório.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – O relatório do Exército, major, foi comprado, já foi provado

isso.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Não, *ok, ok*.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Inclusive, é por isso que o Bolsonaro está indiciado.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – *Ok*, muito bom.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Porque foi ele que organizou.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – O senhor acabou de dizer...

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Tentativa de golpe. Houve uma tentativa de golpe.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Vamos lá, o senhor falou que foi comprado. Olha só...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Vamos fazer o seguinte: o deputado pergunta e o senhor responde, porque, se ficarem os 2 falando ao mesmo tempo, ninguém vai compreender nada.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Está bom, desculpe. O senhor acabou de falar algo muito importante: o senhor falou que esse relatório foi comprado. Nós pessoas comuns do povo não temos acesso a esses meandros do jogo político. Os advogados que estavam ali, inclusive o Gandra e outros advogados famosos no país, diziam: "Não, isso aí vocês não estão cometendo nenhum tipo de crime". As pessoas do povo que estavam ali estavam acreditando que... Que fique bem claro que seriam essas entidades, o STF, o tribunal eleitoral, que iriam falar em algum momento. Só que aí houve um dia que falaram o seguinte: "Não, o pessoal vai viajar para não sei onde, vai viajar para..." E eu falei: "Uai, gente, o que nós estamos fazendo? Acabou. A-ca-bou." Aí nós tiramos... Eu orientei... Nesse dia eu fui muito hostilizado ali pelas pessoas e falei: "Gente, eu não venho mais aqui nem pregar. Não tem mais motivo, não tem mais porquê. O presidente já vai assumir. Acabou, vamos embora!" E tirei a... (Ininteligível.)

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Senhor presidente, eu acho que essa fala do major, hoje, é fundamental para o relatório. Ele acabou de reconhecer que as pessoas estavam mobilizadas, que tentaram dar um golpe de Estado porque acreditaram que o relatório do Exército apontava as fraudes no processo eleitoral. Está aí o culpado. Está aqui o centro da investigação. Quem mobilizou, quem agitou as pessoas para irem para as ruas questionar o resultado das eleições e tentar um golpe de Estado foi quem articulou, inclusive, a produção desse relatório fraudado, que convenceu vários que estavam lá e não sabiam, não tinham informação do que estava acontecendo no topo.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu fiquei sabendo agora que esse relatório foi fraudado. Eu nunca ouvi falar disso.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Na CPMI, na CPI...

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Espera aí, só uma questão. Parem o tempo, aqui, do deputado Gabriel Magno, por favor. O nosso papel é fazer esclarecimento das coisas. Tem que ficar claro que não era um relatório do Exército Brasileiro. Era um relatório de alguns militares, uma comissão indevida, formada pelo ministro Barroso, que era ministro do Superior Tribunal Eleitoral, e eles trouxeram essa dúvida. Portanto, não é a posição das Forças Armadas brasileiras nem do Exército Brasileiro. Estou só fazendo essa colocação a título de esclarecimento, para não... Devolvo a palavra a V.Exa.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Perfeito, presidente, agradeço. E reforço: é chave para o relatório, porque alguns, aqui, estão tentando, inclusive, distorcer mais uma vez. Houve um processo que foi organizado. Por isso o relatório aprovado no Congresso Nacional é tão preciso, porque ele vai ao centro da questão. Quem provocou... O mentor intelectual era o ex-presidente da República Jair Messias Bolsonaro, que articulou e mobilizou um setor do alto comando das Forças Armadas, inclusive, para isso. E mobilizou. E levou várias pessoas para a rua, para os acampamentos – diga-se de passagem, ilegais – na frente dos quartéis em todo o Brasil e aqui no Distrito Federal também, porque, se houve permissão por parte do Exército, como o major acabou de dizer, se uma parte do

Exército permitiu que ali houvesse aquele acampamento ilegal, foi porque houve uma mobilização e um setor foi cooptado. Um setor das Forças Armadas brasileiras infelizmente foi cooptado. Por isso também estão no relatório: generais, capitão. Estão lá, porque fizeram parte dessa trama perigosa e golpista que tentou atacar a democracia brasileira.

Foi fundamental o seu papel, aqui, hoje, major, porque ele não deixa dúvidas do que foi e do que estava por trás desse processo que levou inclusive o senhor lá para frente do acampamento do quartel-general, porque esta CPI está investigando não só o dia 8 de janeiro. De novo, o dia 8 não foi um ato isolado. Ela está investigando também os acontecimentos do dia 12 de dezembro e o que levou a isto: tentativa terrorista no dia 12 de dezembro de explosão de ônibus nas cidades, invasão do prédio da Polícia Federal. No dia 24 de dezembro, mais uma tentativa de uma ação terrorista de explodir uma bomba no aeroporto de Brasília, que iria colocar em risco a vida de milhares. Depois, descobrimos que a bomba não era só no aeroporto de Brasília, era em vários outros pontos; que havia o objetivo de provocar o caos, o desabastecimento de energia, inclusive. Isso foi revelado. Inclusive, essa organização desses atos terroristas com explosão de bombas em vários lugares – aí nessa cadeira onde o senhor está sentado outros falaram – nasceram lá no acampamento.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Nós não tivemos qualquer contato com essas pessoas. Eu volto a dizer para o senhor... Vamos falar, assim, da questão de polícia até investigativa mesmo. É possível que alguém, em um lugar isolado, tenha feito essas coisas? É. Mas eu digo uma coisa, senhor deputado: de maneira nenhuma, aquelas pessoas apoiariam uma... Pelo menos, vamos lá, vamos falar do lugar em que eu estava, das 250 pessoas que estavam na minha frente ali. Isso nunca chegou ali e se chegasse ali, ele seria preso. Nesse caso, como muito bem falou o Hermeto, eu mesmo prenderia, porque eu não sou maluco, eu não sou doido. Aquelas pessoas que estavam ali na frente nunca ficaram sabendo dessas pessoas. Eu fiquei muito surpreso, porque a gente conseguiu assistir nesse dia que... Ele não falou onde. Seria muito importante se tivessem perguntado para ele uma coisa muito simples. E isto é uma coisa até de polícia. "Se você fez essa bomba lá, estudou isso lá, onde você fez isso?" Porque eu queria saber como é que ele conseguiu fazer isso debaixo do olhar de centenas de pessoas e militares. Como é que ele conseguiu ficar escondido à noite? Onde ele ficou ali?

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Isso está sendo, major, investigado, inclusive.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Pois é.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Várias dessas questões já têm respostas, e o que me causa estranheza, de novo, é uma contradição no seu argumento. Meu tempo está encerrando, mas eu acho que é importante entrar neste aspecto. Primeiro, o senhor reafirmou aqui, várias vezes, que só conheceu no acampamento gente honesta.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim. Opa...

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – A polícia disse que... Pode ser que o senhor não tenha encontrado essas pessoas, mas a polícia disse e, creio, que o senhor respeita a Polícia Civil, a Polícia Federal...

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim, totalmente.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – A polícia diz que não, que não só havia gente honesta lá. Há investigações da polícia, inclusive com alguns presos, de que se operavam lá vários crimes. Vários!

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim. Sobre esses crimes...

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Esses o senhor não conheceu, o senhor só conheceu os honestos?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Onde tem pessoas, em qualquer lugar – como policial, eu vou falar isto –, onde tem um grupamento de pessoas, infelizmente, sempre vão ter contraventores. Eu vou dizer uma coisa com toda a certeza: a polícia do Exército é muito eficiente. Todos os contraventores que, por acaso, chegaram ali para roubar celular, que foram para beber, para fazer o

que era ilícito, foram presos. É normal isso em qualquer sociedade, numa feira, em qualquer lugar. Agora, eu vou dizer que, lógico, num ajuntamento grande de pessoas, carros, celular, isso é normal.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Eu tenho 30 segundos e eu quero fazer uma última pergunta. O senhor vai ter tempo para responder.

O que me chamou a atenção no vídeo que o deputado Chico Vigilante apresentou foi uma fala sua convocando as pessoas para ir para o acampamento.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Sim.

DEPUTADO GABRIEL MAGNO – Havia 59 dias, de acordo com a sua fala: “Cinquenta e nove dias aqui. Vamos para a guerra.” O senhor usou esse termo. Apareceu no vídeo, e o senhor reconheceu que era você falando. Não me parece que convocar pessoas para a guerra...

(Soa a campainha.)

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Acabou o tempo, deputado.

Concedo a palavra, por 15 minutos, à deputada Paula Belmonte.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Bom dia a todos. Que Deus nos abençoe. Que Deus abençoe o senhor, major.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Obrigado.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Que Deus abençoe a sua família. Eu ouvi o senhor falando, durante o depoimento, do seu sofrimento em estar distante da sua família.

Aqui, primeiramente, cabe a mim falar sobre algo que é constitucional e que é muito importante. Primeiro, as pessoas que participam desta CPI têm que entender a função dela. Aqui é uma comissão parlamentar de inquérito. A comissão parlamentar de inquérito não tem a função de julgar, ela tem a função de investigar. Isso é fundamental para que possamos deixar o trabalho transparente. Qualquer fala de parlamentar que fique julgando, na realidade, é uma fala desastrosa, é uma fala de falta de conhecimento, porque aqui não nos cabe fazer julgamento, e, sim, investigar. Isso é uma função importante.

Outra questão é que a nossa Constituição Federal nos assegura a livre manifestação. Nós, como brasileiros, temos o direito à manifestação. Eu gosto de falar isso e vou repetir quantas vezes forem necessárias, porque o que está acontecendo no Brasil é a tentativa de colocar medo nas pessoas, na população. E são populações de vários aspectos políticos em relação a manifestação. Isso é algo constitucional, e me surpreende ver pessoas que falam de defesa da democracia querendo incriminar a livre manifestação. Não temos aqui a função de incriminar, nossa função é investigatória. A livre manifestação é possível, sim, inclusive falar que não está satisfeito com a eleição.

Aqui foi interrogado um *hacker* – é importante citar – que disse que as urnas são, sim, violáveis. Isso foi falado pelo *hacker*, que é base da esquerda. Aqui foi falado pelo general que não há investigação nenhuma de roubo, de prostituição, de venda de droga. Isso é uma falácia. Eu quero que mostrem aqui um documento que fale disso. Existe, sim, uma má interpretação na leitura de parlamentares que utilizam a má interpretação para colocar isso de forma diferente.

Eu digo isso, major, porque é importante estarmos aqui trazendo a transparência, trazendo principalmente o empoderamento da sociedade. Cada um de nós aqui é parlamentar pelo voto, que é a verdadeira cidadania. Nós precisamos fazer que, por meio da cidadania, independentemente do aspecto político, a população seja empoderada. É a população que paga os impostos, é a população que merece todo o atendimento de todos nós, é a população que aqui nós estamos representando.

Então, eu defendo a liberdade, a liberdade até de pensar diferente de mim, mas que não falemos mentira. Isso é muito importante.

Major, eu tenho pouco tempo, mas eu quero trazer um aspecto muito importante de sua fala.

Primeiro, eu quero deixar clara a minha defesa da liberdade do cidadão, a liberdade de poder acampar. Como foi dito aqui por esta CPI, e esperamos que apareça no relatório, não houve nenhum mandado judicial para acabar o acampamento. Não existe isso. As pessoas estavam até o dia 7 de janeiro, 8 de janeiro, autorizadas! Não houve nenhum mandado para que essas pessoas saíssem de lá.

Eu quero também registrar que qualquer pessoa que tenha vandalizado, que ela esteja na cadeia, porque aqui nós não estamos defendendo vândalos, nós estamos defendendo cidadão que tem, sim, o seu direito constitucional de se manifestar. Mas há uma questão em que esta CPI não se aprofundou – que possamos nos aprofundar nisto – e foi até motivo de minha fala aqui na reunião anterior: os direitos humanos. Nós temos milhares de pessoas que foram presas de um dia para o outro. Elas foram colocadas dentro de uma prisão, e aqui não foi falado do acesso ao direito de defesa. Aqui não foi falado a respeito de como essas pessoas estão tendo acesso à presunção de inocência. Precisamos falar sobre a presunção de inocência. Nós não temos a presunção de inocência de um ex-condenado que hoje é presidente da República? Nós não temos a presunção de inocência de vários outros condenados que roubaram o país? E corrupção mata! Hoje nós estamos falando de senhores e senhoras que estão – como o senhor disse, major – longe de suas famílias. Mesmo aqueles que retornaram às suas famílias estão sendo monitorados por uma tornozeleira eletrônica. E isso muda toda a dinâmica de milhares e milhares de pessoas, de famílias. É muito sério. Por isso, a responsabilidade dessa relatoria de trazer o aspecto humano – humano!

Quando eu me sentir insatisfeita, vou interrompê-lo, mas eu gostaria que o senhor falasse, rapidamente, sobre o seguinte: como é que o senhor, um major da Polícia Militar, se sente – ou como o senhor se sentiu –, estando preso? Como o senhor foi preso? Parece-me que o senhor não estava no dia do acampamento. Como é que o senhor foi tratado, na sua legitimidade, como cidadão de direito? Eu gostaria que o senhor falasse sobre isso para nós.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu defendi a justiça e a vida dos brasilienses durante 30 anos. Eu não vi um dos meus filhos nascer. Eu fiquei horas e horas e horas na frente da Esplanada, protegendo os prédios. Minha esposa está com uma comorbidade – e eu tenho que tratar ela –, e eu estou preso. A gente está vivendo com a ajuda dos meus amigos de turma de polícia, e eu queria agradecer a cada um deles. Eu queria dizer para os meus filhos que eu estou vivo e estou bem, porque foram falar que eu tinha viajado. Eu estou muito bem. E, pastor Daniel, lá nós tivemos 12 batismos, várias conversões, e tem culto todo dia, naquele presídio. E nós oramos não só pelo presidente Lula, como para o Bolsonaro, como para o Alexandre de Moraes – para todo mundo. Nós não temos ódio. Este país precisa de amor. Este país precisa de Cristo. Eu me sinto muito mal porque eu nunca fiz mal a nenhuma barata. Nunca. Eu sou um cidadão que sempre... Meus filhos, eu os criei dentro da igreja.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Major, como foi o seu acesso à justiça, a advogados? Como é que está sendo o seu tratamento? É isso que eu quero perguntar, porque isso cabe a nós, na investigação. Como está o seu acesso à justiça?

Quero ressaltar que está aqui o presidente da Comissão de Direitos Humanos. Ele sempre fala o seguinte: “Não existe essa situação de condições dos presidiários só de agora. Isso existe há muito tempo.”

Mais uma vez – não é a primeira, nem a segunda, nem a terceira vez –, pergunto ao presidente da Comissão de Direitos Humanos o que estamos fazendo com a alimentação. É que já houve gente aqui falando que é uma alimentação que não é nem para cachorro! Então, eu gostaria que o senhor trouxesse o aspecto humano das pessoas que foram presas e como elas estão sendo tratadas, quanto ao acesso à justiça, aos advogados e à alimentação?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Ok. Eu tenho 2 presos lá comigo: um chamado Cláudio Felipe e, o outro, João Gama. São homens de 60 anos. Eles estão lá, inclusive, falando para o pessoal não quebrar. São pessoas das mais honestas, dignas que eu já conheci em toda a minha

vida.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Eles são de onde?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – São Paulo. Polícia de São Paulo. Eu estou num local em que só estão presos policiais. Pessoas dignas, pessoas maravilhosas, pais de família exemplares.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Eles estão tendo acesso à justiça, a advogados? É a isso que eu quero que o senhor se atenha.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Nós estamos direto no STF. Eu queria, inclusive, pedir para o seu ministro Alexandre de Moraes que deixasse a gente... Que voltasse para a instância normal, para a gente ter direito a primeira, segunda instâncias.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – É outro questionamento! Só um minutinho. É outro questionamento!

Nós estamos falando de pessoas comuns, pessoas que são pagadoras de impostos, que não têm foro privilegiado. Nós não entendemos por que essas pessoas estão sendo julgadas pela suprema corte. Esse é outro questionamento. Se nós somos pessoas que acreditamos na nossa Constituição federal e queremos fortalecê-la, vemos que é outro desvirtuamento que está havendo no julgamento dessas pessoas. Não era para estarem na suprema corte e, sim, na primeira instância.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Doutora, sobre o que a senhora está falando, é muito importante, porque eu vi a fala do eminente ministro dizendo que é porque tem pessoas de alto escalão envolvidos, mas eu não conheço essas pessoas. Muita gente não conhece essas pessoas. E aí o que eu preciso, o que a gente... Um pedido, eu falei aqui de... Eu não creio que sejam pessoas más, estão cumprindo o trabalho delas, mas eu falei aqui em indulto, eu falei aqui em perdão. Eu falei, inclusive, que a gente possa... Então, já que é assim, deixa a gente fazer o que a gente tem o direito. Eu nunca... Eu sou primário, eu não cometi crime, nunca estive envolvido com crime.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Pois é, major. É importante. Nós vamos entender. Há alguns que são religiosos, outros não. Isso é a liberdade e a democracia do Brasil, e nós respeitamos. O que nós estamos falando aqui é do Estado de direito, que não está sendo respeitado pelas pessoas. As pessoas estão presas sem, realmente, o julgamento adequado na instância adequada, e nós estamos falando de falta de acesso à justiça.

Isso é importante. E é importante, relator, que o senhor acerte isso, porque nós estamos falando de milhares de famílias, pessoas – como foi dito aqui – de 60 anos de idade. Estamos falando de policiais, de segurança pública, mas não é só de policiais, mas de pessoas que saíram das suas cidades com o direito de saírem. É importante dizer isso: todas as pessoas têm direito à manifestação. Elas saíram das suas cidades para se manifestar, e é bom que isso possa acontecer muitas vezes em qualquer aspecto.

No Brasil, por exemplo, o presidente da República tem o direito de trazer, inclusive, autoritários para cá. O presidente da Venezuela foi trazido com tapete vermelho. Pois eu achei muito bom o presidente da CPI falar de terrorismo e juntar o terrorismo com Hamas, porque são mesmo terroristas, e é importante esse posicionamento.

Porém, nós estamos falando de seres humanos; nós estamos falando de brasileiros que defendem, sim, o nosso país; nós estamos falando de pessoas que estão pagando seus impostos, que eram pagadores de impostos e que estão presos. Presos. E isso tem um reflexo direto, como o senhor disse: o senhor não viu a sua filha nascer, a sua esposa está precisando de saúde, e várias outras pessoas estão passando por essa situação.

Nós pedimos que esta CPI mostre essa realidade de ser humano dessas mais de mil pessoas que foram presas e que estão esperando ainda 5 meses ou 6 meses para serem julgadas, que não foram adequadamente julgadas. Por quê? Porque isso não é fórum do Supremo Tribunal Federal. Essas pessoas não têm foro privilegiado. Elas precisam ser julgadas na primeira instância. Como o senhor disse, o senhor não é um criminoso.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Doutora, a minha família está vivendo de favor. A minha esposa – Adriana, te amo, de público –, minha esposa está com um problema de saúde e precisava do meu apoio lá. Os meus filhos... Eu...

DEPUTADA PAULA BELMONTE – O senhor tem quantos filhos?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu tenho 6 filhos.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – O senhor tem tantos filhos quanto eu. Eu tenho 6 filhos. Também tive 6 filhos.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – São 6 filhos.

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Só que eu pari, ouviu?

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Eu não. (Risos.) Mas eu crio como brasileiros. Eu vi muitas vezes sendo atacada aqui e em outros lugares a palavra “patriota”, como se fosse um pejorativo de algo mau. Não é, não fazemos isso. Porque alguns erraram, a gente não pode jogar todas as pessoas que amam esse país, que gostam desse país... Eu entreguei a minha profissão e a minha juventude, a minha vida, para uma profissão, para uma empresa chamada Polícia Militar do Distrito Federal, e eu fico muito triste quando eu vejo um comandante-geral apanhando de cone na cabeça, ser chamado de omissos. Tanta coisa aconteceu, que, assim, são homens dignos. Eu queria dizer que são homens muito dignos. Mas eu, como policial preso... porque a pior coisa para um policial é a prisão, porque a gente conhece crime, a gente conhece o que é estupro, o que é assassinato, o que é... E eu fui a uma manifestação e estou preso, sendo que esse livro aqui – gente, esse livro – antigamente não era para ser interpretado, era para ser seguido. Então...

DEPUTADA PAULA BELMONTE – Esse é o nosso questionamento, major. É o nosso questionamento quanto à constitucionalidade dos atos. Nós aqui não defendemos vândalos. Precisamos que esses vândalos sejam presos e punidos fortemente, mas nós precisamos entender que o patriotismo no Brasil é importante, independentemente de ideologia.

Eu quero dizer que sou uma deputada aqui independente. Sempre fui, mas nós precisamos valorizar, sim, esse país. Esse país merece, sim, cuidado na segurança pública. Eu faço das minhas palavras as suas palavras no sentido da defesa da Polícia Militar do Distrito Federal.

CLÁUDIO MENDES DOS SANTOS – Por último, é uma engrenagem. Eu trabalhei muito tempo aqui no centro de Brasília. É uma engrenagem que tem que funcionar como um relógio. Ela tem que funcionar como um relógio. Nós dependemos... A PM depende do Exército, o Exército depende da PM, que depende do GSI. Se qualquer uma dessas molas não funcionar, seja por informação que for, não vai ser possível... E houve, não é...

DEPUTADA PAULA BELMONTE – E é por isso que aqui, nos minutos que me restam, eu quero dizer da minha indignação a respeito de como estão sendo tratados os prisioneiros, porque são prisioneiros políticos que nós estamos tendo hoje no Brasil, mais de mil prisioneiros políticos, senhoras e senhores que estiveram, sim, numa manifestação. Ninguém negou isso, eu nunca vi ninguém chegar aqui para negar, mas muitos deles estavam, sim, falando para não...

Foi falado aqui por um major do Exército que havia 3 tipos de manifestantes: os manifestantes que ficavam parados, os manifestantes que depredaram todo o patrimônio público e aqueles que gritavam, inclusive, defendendo a polícia militar. Então, nós pedimos justiça. Que esses manifestantes que fizeram vandalismo sejam realmente identificados, mas que nós possamos cada vez mais fortalecer a nossa população do Distrito Federal.

Quero, mais uma vez, dizer que a responsabilidade da segurança pública dos 3 poderes cabe, sim, ao Ministério da Justiça, do ministro Flávio Dino, que é um ministro que eu costumo dizer: um debochado com a população brasileira e que precisa, sim, dar uma satisfação.

O relatório que foi colocado como vencedor é um relatório pífilo. Sinto muito em dizer.

PRESIDENTE (DEPUTADO CHICO VIGILANTE) – Quero, nesse momento, pedir ao doutor

João, o delegado que nos assessora aqui, para verificar com o pessoal da delegacia que cuida da questão cibernética, doutor Gian, para abrir um inquérito com relação a uma pessoa chamada Célio Ribeiro Escobar, que está nas redes sociais, neste momento, ameaçando o deputado Gabriel Magno.

Rede social não é terra sem lei. Portanto, ninguém fique achando que vai aqui dizer que deputado merece ir para o paredão, porque isso é ameaça de morte. A pessoa que fez isso vai responder. O inquérito será aberto. Ele será encontrado facilmente e irá responder perante a justiça por essa ameaça que ele está fazendo ao nosso deputado.

Eu agradeço aos deputados e deputadas e a todos os demais a presença nesta reunião. Tendo cumprido a pauta e nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a 32ª Reunião Ordinária dessa CPI, às 12 horas e 36 minutos.

Está encerrada a reunião.

Muito obrigado a todas e a todos.

(Levanta-se a reunião às 12h36min.)



Documento assinado eletronicamente por **MIRIAM DE JESUS LOPES AMARAL - Matr. 13516, Chefe do Setor de Taquigrafia**, em 13/11/2023, às 16:32, conforme Art. 22, do Ato do Vice-Presidente nº 08, de 2019, publicado no Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal nº 214, de 14 de outubro de 2019.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site:

http://sei.cl.df.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0

Código Verificador: **1428383** Código CRC: **37E084C8**.

Praça Municipal, Quadra 2, Lote 5, Piso Inferior 1, Sala TI-3– CEP 70094-902– Brasília-DF– Telefone: (61)3348-9241
www.cl.df.gov.br - setaq@cl.df.gov.br

00001-00008706/2023-96

1428383v6